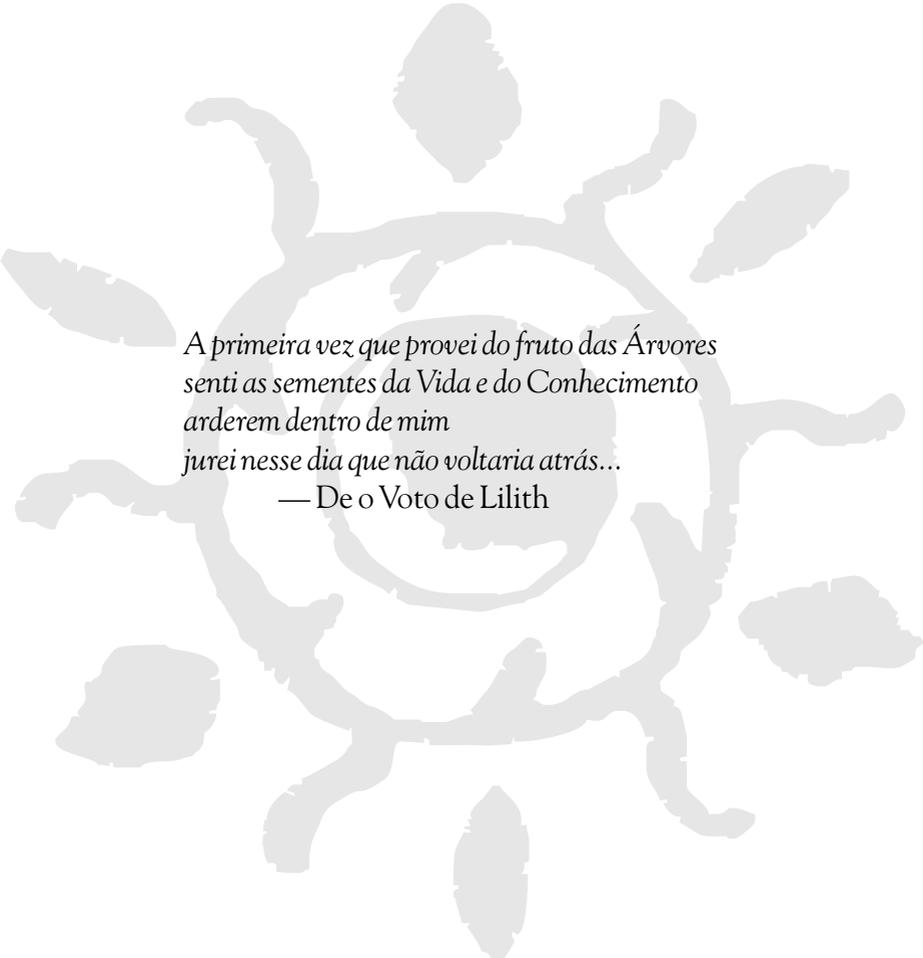

REVELAÇÕES



MÃE SOMBRIA

REVELAÇÕES DA MÃE SOMBRIA

SEMENTES DO JARDIM DO CREPÚSCULO



*A primeira vez que provei do fruto das Árvores
senti as sementes da Vida e do Conhecimento
arderem dentro de mim
jurei nesse dia que não voltaria atrás...*

— De o Voto de Lilith

COMPILADO POR RACHEL DOLIUM

CRÉDITOS

Escrito por: Phil Brucato, Rachele Udel

Desenvolvimento: Robert Hatch

Edição: Janice Sellers

Diretor de Arte: Aileen E. Miles

Layout & Composição: Aileen E. Miles

Arte Interna: Rebecca Guay, Eric Hotz, Vince

Lock

Projeto da Capa & Contracapa: Aileen E. Miles

CRÉDITOS DA EDIÇÃO TRADUZIDA

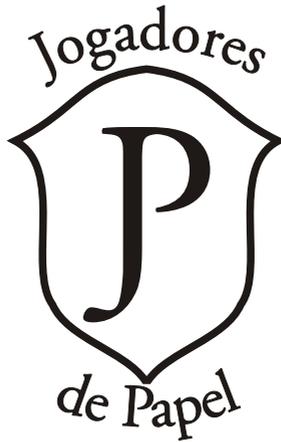
Tradução: Gothmate, (Ark) Mahasian, Tarsila, Renata Marques e Ideos (MA)

Revisão: Bianchinni

Capa: ROR

Diagramação: Jogadores de Papel

Esta publicação é oferecida a ROR.



735 PARK NORTH BLVD.
SUITE 128
CLARKSTON, GA 30021
USA

© 1998 White Wolf Publishing Inc. Todos direitos reservados. Todos os personagens, nomes, lugares e textos mencionados neste livro são propriedade intelectual de White Wolf, Inc. A reprodução sem a permissão por escrito do editor é expressamente proibida, exceto para o propósito de resenhas, e das planilhas de personagens, que podem ser reproduzidas apenas para uso pessoal. White Wolf, Vampiro, Vampiro a Máscara, Vampiro a Idade das Trevas, Mago a Ascensão e Mundo das Trevas são marcas registradas de White Wolf Publishing, Inc. Todos direitos reservados. Trinity, Lobisomem o

Apocalipse, Aparição o Oblívio, Changeling o Sonhar, Lobisomem Oeste Selvagem, Hierarquia, Livro do Clã Lasombra, Livro do Clã Capadócio, Livro do Clã Baali, Black Dog Game Factory, Idade das Trevas: Companheiro, Idade das Trevas: Segredos do Narrador, e Constantinopla à Noite são marcas registradas de White Wolf Publishing, Inc.

A menção ou referência a qualquer companhia ou produto nestas páginas não são uma afronta à marca registrada ou direito autoral dos mesmos.

SUMÁRIO

PREFÁCIO: RETIRADO DAS RAÍZES 4

NOTAS SOBRE ESTE LIVRO 13

OS TRÊS CICLOS DE LILITH 14

Os BAHARI 16

PRIMEIRO CÍRCULO: O LIVRO DA SERPENTE 28

OUTSIDE THE GARDEN 29

O JURAMENTO DE LILITH 30

O FRAGMENTO DO GÊNESIS 32

SEGUNDO CÍRCULO: O LIVRO DA CORUJA 66

GRIN 67

O JARDIM DA MEIA NOITE 68

O RITO DE CAIM 91

O LAMENTO POR LÚCIFER 97

TERCEIRO CÍRCULO: O LIVRO DO DRAGÃO 104

TICK TICK 105

MALDIÇÃO: RAINHA DOS INFERNOS 106

LAMIA: NOTAS DA INQUISIÇÃO 110

CORUJA, GATO E SERPENTE 114

AS MARÉS CRESCENTES 117

PREFÁCIO:

RETIRADO DAS RAÍZES

POR RACHEL DOLIUM

Repetidas vezes, ouço dois sons. Quase sussurros, silenciosos e sibilantes, como o silvo da língua de uma serpente. Lilith. Uma voz grasnada como a de uma coruja tremendo à luz da aurora, esmagada no limite da sanidade, roubando o ar de crianças e surrupiando a semente dos que sonham. O toque de toda vergonha, os dentes brilhantes de um amante que nada admitirá além do desejo. A Rainha Sombria que se levantará para anunciar o fim do mundo.

Eu a vi. Você a viu. Um culto de devotos celebram seu exemplo, e um sem número de livros, panfletos, canções, escrituras e tratados foram criados para amaldiçoá-la, divinizá-la ou defini-la. Até mesmo os mortais desfrutam da Justiça de Lilith, na qual as mulheres supostamente abandonam o papel de adornos e definem sua feminilidade em canções. (Um conceito interessante, quando você presta atenção: um playground cheio de hippies cantando canções em nome de Lilith.)

De acordo com a lenda dos rabinos e o testamento esquecido de Ur e Babilônia, Lilith foi a Primeira Mulher, à esquerda de Adão, que cresceu como ele, carne de sua carne. Ao seu lado Eva, a “mãe de todos”, torna-se um pálido espectro. Como parte da Criação original, Lilith herdou dons mágicos e aprendeu grandes artes. Obviamente, ela se considerava igual a Adão; como muitos homens, ele via de maneira diferente. Quando ele a estuprou, Lilith apelou ao Altíssimo, que a retirou do Éden e a lançou em um mundo ainda em formação. Deste ponto em diante, é dito, ela se tornou um demônio vingativo, matando crianças, roubando sementes e emboscando homens virtuosos.

Sua história não é, podemos dizer, uma história desconhecida.

Na cultura de Caim, nosso tão amado senhor, Lilith tornou-se a mãe que o ensinou as artes da noite. Impiedosa, ela o abrigou quando Deus e o homem o baniram. Sua recompensa foi ser demonizada como “Mãe Sombria”; por 13 gerações, as crias de Caim conspiraram contra ela, da mesma forma que os mortais. Encantos foram criados, caçadas de sangue iniciadas e linhagens inteiras foram destruídas em nome de uma campanha genocida.

Algumas pessoas, fascinadas pelas habilidades lendárias dessa mulher, sentem-se compelidas a saber, “Será que ela é real?” como se esse conhecimento lhes concedesse uma súbita visita. Outros querem saber, “O que ela é? Uma vampira? Uma magus? Alguma deusa ou criatura abençoada pela lua?” Só posso afirmar que

Lilith

É

Lilith

...e ela não será forçada a nenhum conjunto de classificações arbitrárias.

Lilith é real? Alguns perguntariam a mesma coisa sobre Jesus de Nazaré, ou Moisés, ou Gautama Buda ou milhares de outras figuras históricas cujas imagens causam tanta devoção e terror. Se você está perguntando “Você pode provar que Lilith caminhou sobre a Terra?” minha resposta é não. Não posso lhe mostrar um esqueleto ou pegadas ou uma lista de citações e estatísticas dizendo, “Isto é Lilith”. Devo notar, contudo, que todas as coisas são possíveis neste mundo estranho ao qual pertencemos, e que a mitologia tem uma forma esquisita de te enganar quando menos espera e enterrar os dentes em seu pescoço.



Nas palavras de nossos anciões, Lilith representa uma grande ameaça. Seus cultos, quando foram encontrados entre nossa espécie, foram extintos com a sensibilidade que atribuímos à nossa raça fratricida. Nossas “escrituras sagradas” (tão ardorosamente codificadas pelo estimado Aristotle deLaurent) a cobrem com dois mantos muito diferentes: a mentora caridosa de nosso senhor, e a “rainha sombria” que ele enfrentará no fim dos tempos. Quão apropriado – uma mãe que sustenta e uma puta demoníaca.

Assim também o é para os poderes transformadores do Abraço.

A história de Lilith é a história de todos nós; falo não apenas de minhas irmãs da escuridão, mas de todos os Membros. Como ela, nos agarramos a uma herança proibida, a consumimos e tornamo-nos deuses, superiores a tudo que uma vez fomos. Como ela, sofremos esta transformação, tornando-nos párias entre nossos filhos. Como ela, estabelecemos domínios só para vê-los usurpados por aqueles que ajudamos a criar. E como ela, devemos fugir para a escuridão, nos reunirmos e nos lançarmos contra os olhos na noite antes que possamos realmente provar do fruto que comemos.

Irônico, então, que ela seja tão odiada.

Isso tem muito a ver, suspeito, com o legado do aprendiz de Lilith: Caim, senhor de toda a nossa espécie. Ele Que Abraçou a Noite, ainda nos passou uma litania de proibições que cada um de nós enfrenta a cada noite de nossa existência – uma coleção de regras antiquadas baseadas na superioridade dos anciões e na santidade de sua eterna sabedoria. Estas leis, assim nos foi dito, são essenciais para nossa sobrevivência; ao nos defrontar com uma variedade de inimigos mortais e outras coisas, necessitamos de um código de conduta para nos sustentar. Quem melhor para falar de nossas interdições imortais do que nosso Grande Pai Sombrio?

Que melhor inimigo que sua contraparte, a sedutora e incestuosa mãe que incontáveis gerações aprenderam a temer? Quão boas são as proibições sem uma ameaça? Melhor ainda, como nossa espécie continua a reverenciar as leis de Caim se este senhor existiu nas sombras Daquela Que o Tirou do Pó?

O que teria acontecido, me pergunto, se tivéssemos jogado as leis de Caim ao mar e seguido nossos instintos, como nossa Mãe nos ordenou?

Haveria caos, dizem nossos anciões, e eles devem estar certos. Mas há sabedoria no caos. O Sabá reconhece isso, mesmo que caiam presas dos prazeres da desordem ao invés de aprender com ela. Os magi também percebem isso; do que vi ao longo dos anos, suas constantes brigas provêm de um desacordo sobre o nível de caos que é preciso para alcançar a iluminação. Nós Membros somos seres emocionalmente caóticos. Apesar de minha admitida falta de experiência em nosso estado morto vivo, tenho de confessar que parecemos estáticos e intelectualmente obtusos, opacos como um ankh prateado, obrigados ao serviço por uma série de mestres, todos os quais dizem saber o que é melhor para nossa espécie. Sobrecarregados com o peso dos clãs e

de Caim, perambulamos à sombra de alguma Gehenna mítica. Numa noite próxima, assim nos foi dito, fantasmas ancestrais virão, distribuirão a violência e se alimentarão de um longo banquete de almas.

Essa é nossa lei. E nos consideramos senhores da noite? Melhor abandonar aquele tratamento desgastado e absurdo, crianças da noite. Deus sabe que por vezes nós agimos dessa forma. Ainda que nos curvemos ao trono de algum ancestral egocêntrico (que pode ou não ser pura mitologia) e seu principado permaneça, a Mãe Sombria nos invoca a renunciar as regras que nosso pai criou. Caim criou leis que nem mesmo ele toleraria; ele próprio reconheceu, sua anciã Lilith lhe disse para tomar a Fruta de Tântalo que possuía poder sem igual. Ele não o fez, e conseguiu grandes coisas. Não deveríamos fazer o mesmo? Claro!

Estou falando heresias? Bom! A verdade sempre soa herege, e os que mentem sempre buscam mantê-la enterrada. Perdida. Proibida. Punida com a morte. Mas sem a brilhante verdade herege, sem a marretada nos pilares da ordem, estamos acorrentados como cães de caça – ou de colo – aos pés de nossas mesas. Sim, mesmo nós “mestres da escuridão”: nós, talvez mais que todos, estamos aprisionados por nossa própria imortalidade. Apenas um imortal pode ser escravo por tantas vidas mortais.

Lilith é a antítese da escravidão. Seja livre, ela diz, e sofra. Oh, sim. A Mãe Sombria está relacionada ao sofrimento. Ela sofreu, seus filhos sofreram, seus devotos sofrem, e eu sem dúvida sofrerei por me atrever a expressar isto em palavras. Posso ver os pergaminhos com meu nome escrito com vitae, jogados nas chamas para representar dezenas – diabos, milhares – de caçadas de sangue. Já perdi a esperança da imortalidade. Alguma manhã, não muito distante, o sol me levará para sempre. Meus assassinos, se vangloriando de um serviço bem feito, voltarão às mesas de seus senhores, se gabando com algumas notas e continuarão seus caminhos, convencidos de que a noite durará para sempre – ou ao menos até a Gehenna. E estarei rindo de vocês por todo o caminho até o Inferno. Pois em meu sofrimento, terei alcançado uma compreensão que meus assassinos jamais conhecerão. E essa compreensão me libertará.

Somente através da dor podemos abrir nossos olhos.

Entrei no jardim de Lilith numa busca por meu senhor. Determinada a expor as “Lilins” (atualmente chamadas de Bahari) diante do altar de nossa estimada Camarilla, mergulhei em um oceano sem fim de cultura oculta. Meu prêmio: o cobiçado “Ciclo de Lilith” descrito por M. deLaurent – e, claro, uma gorda recompensa de meu tão venerado criador.

Entenda, eu percebi o que muitos de nossos anciões não viram: que é a maneira de Lilith esconder-se em plena vista. Em canções, em livros, nas caçadas políticas e em arruinadas catedrais da sociedade humana. Nossos anciões são muito estáticos, muito antigos, para verem os sinais. Eles não compreendem a imensidão da cultura moderna, e assim as canções de Lilith esvaem-se por entre suas mãos inaptas. Esta inabilidade permite que as canções se tornem cada vez

mais altas, até que estas árias afoguem o empoeirado coro da tradição.

Um ancião não pode ouvir as canções que eu ouço. Não pode ter as visões que eu tive.

Lilith está entre nós agora. Seus devotos são legião; muitos não entendem ao que servem, e a adoram em seu altar de dor por puro abandono – este é o ponto!!! – não por algumas escrituras arcaicas. Os verdadeiros cultos a Lilith, chamados coletivamente de Bahari, são minúsculos, sociedades infinitesimais entre os Amaldiçoados e os vivos, mas os verdadeiros seguidores de Lilith estão por toda parte; sempre que alguém abandona todos os medos e cruza os campos dos foras da lei, Lilith sorri das sombras. Nestes campos, ela sabe, eles aprenderão – ou perecerão. Normalmente ambos.

Esta realização torna-se minha enquanto observo a noturna festa de horrores em minha TV. Seduzida, despi-me de minhas roupas civilizadas e mergulhei no Mar Eterno. Na canção das secretas musas Bahari (como a poetisa punk Patricia de la Forge, cuja obra reimprimo aqui com suas bênçãos), senti a enxurrada de fé aumentando como uma chaga em pele maltratada. Em suas unhas pontudas de loucuras adolescentes, no vômito bulímico de uma pretensa bonequinha, nas agulhas de heroína daqueles cuja única oração é o esquecimento, comecei a ouvir seu suave refrão. Viva. Aprenda. Sofra. E Transcenda. Como eu. E assim o fiz.



Fui às pedras erguidas no limiar da lua cheia; dancei ao lado das bruxas e bebi suas amargas poções; urinei nas raízes das árvores ao redor dos nossos inimigos Lupinos e bebi o sangue de antiquários humanos. Quando possível, verifiquei os abismos do excesso humano – tortura na Bósnia, rituais satânicos em Berkeley, orgias de crianças na Tailândia e drogados furiosos em Berlim – tudo enquanto tomava notas mentais das canções que surgiam em minha cabeça a cada vez que tentava meus limites admitidamente desumanos. Cada experiência deixava as palavras mais claras, até que pude ouvi-las em todo lugar. Ahi hay Lilith – “Todos saúdem Lilith”. Agora que reconheço o refrão, o vejo por todos os cantos – nos grafites, em canções populares, em mensagens subliminares em comerciais e encoberto com os graciosos corpos de lindas “top-models”. Através da dor, fui iniciada numa sociedade surreal que pode ou não conhecer a devoção que professa.

Desde o tempo do reconhecimento, não consigo ter sensações suficientes. Fui chicoteada com tiras flamejantes, marcada com ferro (refinada dor para um Membro, devo dizer!), arrastada nua por cacos de vidro e submersa em pedras de gelo. As sensações apenas aumentaram o coro na minha cabeça – um coro tão alto que invadia meu sono diurno. Este coro espantava o medo que já foi minha herança vampírica; o inferno não tem mais horrores a me oferecer. Apesar de morta, aprendi a viver mais livremente do que jamais vivi. Através de amigos experientes, peões comandados e sacrifícios de carne e espírito, abri meus ouvidos às canções de Lilith. O que esperava tornar um documento de nossos inimigos tornou-se uma marca em ferro quente, queimando de dentro mesmo quando busquei transformar essa canção de fogo em palavras.

Lilith quer que nós queimemos nas chamas. Para enegrecer as peles de nossos espíritos como a dela foi queimada no deserto entre mundos. Cair e esfolar nossos joelhos e nos confortar com nosso próprio sangue, chorando nossas chagas. Afogando-nos nas lágrimas da maldição. Pois na dor aprendemos. No sofrimento nos tornamos mais fortes. No desafio prosperamos, como uma planta podada pelas mãos de um jardineiro. Lilith é a jardineira, a mãe cruel, o espinho na rosa de nossa sobrevivência. Sem dor, ela nos ensina, nada mais importa. Sem um grito na noite, nossas vozes se chocam contra a mansidão da eternidade.

Minha busca pela Mãe Sombria arrancou as sombras de meus olhos e me forçou a enfrentar essa verdade que deixa incontáveis anciões loucos: nossas leis são mentiras. Nossa existência uma piada. Nosso senhor era um peão num jogo perdido com Deus, e o próprio Deus é um pálido reflexo de um breve momento de existência entre o nada interminável. Lilith compreende isso. Seus devotos (que levam o nome Bahari como tributo a Ba'hara, o terceiro jardim construído pela Mãe Sombria) compreenderam, também. Seus descendentes, amaldiçoados como demônios e mortos há milhares de anos, viram isso dos botões plantados em sua honra no terceiro jardim da Rainha Sombria. Sem dor,

sem mudança, a existência nada significa. Conforto é decadência. Poder é uma gota de chuva secando no calor do deserto. Agonia é a porta de saída para o êxtase.

Lilith é nossa mãe no sentido real da palavra. Através do desafio, ela se tornou uma deusa. Através do amor, devastou o Éden. Ela é a grande serpente enroscada nas raízes da árvore da Vida e do Conhecimento, e seu veneno é a sabedoria amaldiçoada através do fruto vital e borbulhante. Apesar de sua esfera ser a lua, o toque do seu beijo é o fogo de napalm.

Eu confesso que esse fogo me queimou, e sou grata por isso. Desperdicei uma pequena mas razoável quantia que consegui na minha não vida, gastei-a por vaidade imprimindo 20.000 cópias desta pequena diatriba herege, e enviando-as para livrarias por todo o mundo. Fodam-se, foda-se sua “Máscara” patética, e foda-se a política depreciativa que guia sua existência. Estou livre disso tudo. Minhas noites finais serão gastas nas névoas mais claras que já conheci. Talvez alguns sigam minha liderança.

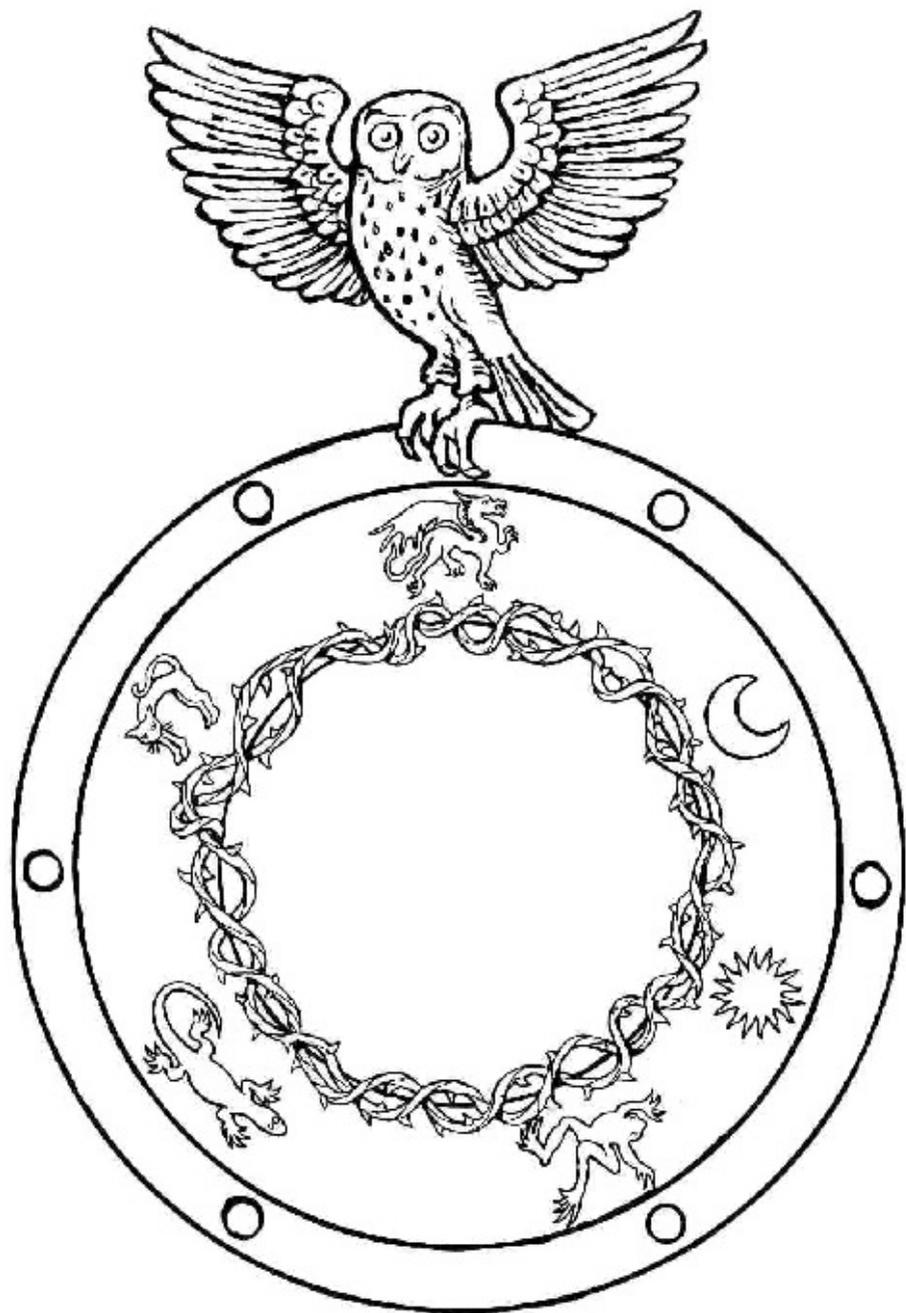
Sei que minha existência desse ponto em diante será medida em dias ou semanas, então escolho gastar meus pertences num presente à Mãe Sombria. Chamem isso de lição de esclarecimento – um canhão de um navio afundando ao alcance de seus pretensos conquistadores. Esta é a maneira de Lilith, que aprendi, ensinar com dor. Deixar de lado as consequências decididamente mortais de liberdade para abraçar as lições que aprendeu a caminho do esquecimento. A própria Lilith sobreviveu – assumindo-se, claro, que ela tenha sobrevivido! – apenas por obra do destino, a imortalidade de suas artes, e o abrasivo exemplo que ela deixou para aqueles com a coragem de segui-la. Não posso esperar fazer o mesmo, então dou boas-vindas ao sol de coração, espírito e braços abertos.

Transforme-me em cinzas se quiser. Posso suportar.

Ahi hay Lilitu

Rachel Dolium





NOTAS SOBRE ESTE LIVRO

A lei de Lilith é uma antilei. Ao contrário das escrituras cuspidas às quais estamos tão acostumados, suas palavras fluem através de impressões divinas – um cântico de sombras que só pode ser decifrado através da experiência. Dois leitores não absorveriam estes ensinamentos da mesma forma, e duvido que qualquer leitor veja os mesmos significados na mesma passagem duas vezes.

O estimado M. deLaurent (a quem estou em débito por sua maravilhosamente inspiradora litania “secreta” das leis do Grande Pai Sombrio) passou anos procurando pelas palavras “definitivas” de Caim e seus seguidores, agradecidamente esquecidas pela impossibilidade da verdade definitiva. Eu fiz o contrário; minha pesquisa, ainda que exaustiva (e como foi!) concentrou-se em diversas impressões no lugar de erudição específica. Muitas de minhas fontes são orais ao invés de escritas, e provavelmente tiveram milênios de reinterpretação. M. deLaurent sem dúvida chamaria meu método de precário e impreciso, mas eu meramente segui o caminho de Lilith. Seu jardim é uma coisa crescente e mutável – não uma tabuleta de pedra, mas um ramo de frutas silvestres.

Onde possível, me esforcei para apoiar a cultura oral que ouvi com registros escritos. Em alguns lugares, as coisas seguiram outro caminho. A própria diversidade e antiguidade do culto Bahari (ou mais adequadamente, *cultos*) tornaram a compilação de um evangelho de Lilith “definitivo” uma tarefa impossível, mesmo para uma imortal. Ainda assim essa diversidade dá à seita força e flexibilidade; enquanto outras sociedades mais rígidas surgem, fragmentam-se e caem pelas palavras de seus fundadores, a Mãe Sombria exige apenas coisas simples de seus devotos: abram seus olhos, estendam os braços, e cultivem um jardim (tanto dentro quanto fora de si) com as sementes de suas experiências. O *Juramento de Lilith*, com o qual eu começo minha coleção, é o mais próximo de um código que esta sociedade respeita.

OS TRÊS CICLOS DE LILITH

DeLaurent refere-se ao ilusório “Ciclo de Lilith”, do qual foi incapaz de captar algo maior que um pequeno cintilar. Há um motivo para isso: este documento não existe. O que ele viu – se sua história for mesmo algo além de uma invenção romântica – foi provavelmente ou um fragmento Bahari, um embuste ou um Cainita recontando um encontro do ponto de vista de seu senhor. Pelas minhas observações, o assim chamado “Ciclo” tem, de fato, ao menos nove versões diferentes; muitas delas envolvem quatro partes – um rito de inverno, uma invocação de primavera, uma observação de verão e um ritual outonal que leva ao inverno, e recomeça o Ciclo.

Como a *Crônica de Caim*, esta história pode ser contada de duas maneiras: como uma narrativa literal de antigos semideuses e seus conflitos domésticos; ou como um testamento simbólico de culturas matriarcais atravessando o mar, o útero e a plantação até que homens ciumentos as destruíram, mataram suas famílias e acabaram com suas tribos. De qualquer forma, a figura de Lilith permanece intimidadora e inspiradora. Ela transcende seu papel, aprende com seus tormentos e reergue-se, mais forte que antes mas encoberta em sombras e jura vingança.

Esse Ciclo é, de certa forma, minha própria conclusão; a Mãe prefere a imaginação ao dogma. Guardado com algumas Guardiãs do Conhecimento Bahari, eu dividi estas “escrituras” em três livros, correspondendo à antiga e universal trindade da Donzela, Mãe e Velha, mas em ordem inversa. As lendas mais antigas são contadas primeiro, então os ciclos médios, depois as mais jovens e contemporâneas. Sua ordem reflete a progressão de Lilith.

- O *Livro da Serpente* reconta o idealismo juvenil da Mãe, sua criação, tentativas e ascensão de mero brinquedinho à divindade.

- O *Livro da Coruja* reflete sua busca pessoal e a fundação de Elona, o Primeiro Jardim da Esperança, e D'hainu, o Segundo Jardim da Renovação. Este último dá a Lilith um lar, seu consorte Lúcifer e seus filhos. Quando Caim descobriu (ou foi levado até) aquele lugar, mudou o curso da humanidade e toda a nossa raça.

• O *Livro do Dragão* fecha o círculo descrevendo a semeadura de Ba'hara, o terceiro Jardim das Lamentações. Deste lugar-que-não-é-lugar, Lilith invoca os espíritos da tempestade e da tormenta e declara uma longa noite de sofrimentos – especialmente às crias de Caim. Esta noite, de acordo com a profecia, chegará ao seu clímax com a Elevação das Marés, durante a qual o mundo atual será destruído por ondas e ventos, para renascer quando o próximo mundo começar. Nesse intervalo, vemos lampejos dos ajudantes de Lilith: os Bahari e as três bestas sagradas.

Os dois primeiros Ciclos giram em torno da Mãe e suas tribulações; o terceiro começa com ela, mas desse ponto em diante, Lilith torna-se um enigma. Temos histórias dispersas sobre sua voracidade noturna, mas estas vieram de fontes posteriores. Os próprios Bahari evitam compor “escrituras” sobre as ações de Lilith após o semear de Ba'hara. Canções ocasionais e mitos regionais falam do que deve ter ocorrido, mas o “evangelho” oficial é o silêncio nas noites entre a Maldição e a Elevação das Marés. Neste silêncio, uma Ba'ham deve tirar suas próprias conclusões. Lilith não faz promessas, nem fica no topo de uma colina e declara sua existência ou intenções. Uma vez que as sementes de Ba'hara estejam espalhadas, Lilith mergulha na noite – possivelmente para esperar sob as ondas, mais provavelmente para passar-se como uma mortal, assumindo formas enganadoras até que seu resultado possa ser desfrutado. Pois o plano de Lilith é um resultado – uma peleja com o deus que a criou, o amante que a abandonou e o patife ingrato que ascendeu à imortalidade por sua mão mas esfolou seus filhos sem piedade. As sementes de Lilith – os Bahari e seus mantras de dor e iluminação – seguem adiante nos mundos mortal e espiritual, trazendo-lhes frutos de tentação, auxílio e revelação. O mundo que vemos ao nosso redor é reflexo desse resultado – uma aposta que Lilith está vencendo. Jeová é uma estátua quebrada; Lúcifer tem devotos, mas suas previsões são obscuras, assim como seu amor perdido, por trás de uma barreira de remorso; Caim foi banido e seus filhos se devoram uns aos outros numa busca cega por ouro ilusório.

Você consegue ouvir as ondas lá fora? Tenha certeza, eu consigo.

OS BAHARI

Os arautos destas ondas – se não as próprias ondas – são chamados de “Bahari”; cada Ba'ham considera-se o fruto do terceiro e último jardim da Mãe. Assim, esta prole cultiva pomares de dor e bosques de iluminação, nutrindo crises em torno de si, então acompanhando os sobreviventes e ensinando-lhes a aprender com sua dor.

As ferramentas de cada jardineiro são tão individuais quanto pecados. Alguns empregam o rude arado da tortura física, e prosperam no terreno cheio de vermes das grandes cidades, plantando intrigas e boatos, então fertilizando-os com insinuações; alguns podam os galhos de árvores quebradas, trabalhando como confidentes e curandeiros entre os feridos, aparando-os com pequenos cortes e então remodelando os talos com palavras gentis. A despeito de sua metodologia, os verdadeiros Ba'ham conduzem seus “projetos” com bondade e encorajamento; dor é inútil a menos que aquele que sofre aprenda algo com seu resultado. A destruição não é nem intento, nem prerrogativa de um Ba'ham. A Mãe Sombria irá cuidar de tais coisas em seu próprio tempo. Até lá, cada Ba'ham planta as sementes da iluminação e as ajuda a crescer.

Alguns poderiam assumir, dado o sexo da Mãe Sombria, que todos os Bahari são mulheres. Estariam muito enganados em pensar assim. Assim como os homens muitas vezes cuidam dos santuários de Maria ou dos altares embebidos em sangue de Kali (que podem representar facetas da Mãe Sombria), então o macho também poda árvores no jardim de Lilith.

Apresentado às ligações de Lilith com Caim e com as misteriosas Lamia (veja abaixo), um forasteiro também poderia assumir que os Bahari são vampiros. Não necessariamente. Embora seja verdade que os adotados da Mãe Sombria se alimentam de sangue e se consideram renascidos através dele, eles não são Membros no sentido mais estrito. Muitos são simples mortais sem poderes dos quais se gabar; alguns são mortais elevados – magi com os talentos místicos da própria Mãe; um punhado são verdadeiros vampiros, mas estes “Membros” abandonaram seus elos com a linhagem de Caim. Bebendo o sangue de Lilith, eles simbolicamente romperam suas ligações com seu traidor e ascenderam além dos descendentes de Eva.

A julgar pelo nome de “seita”, alguém poderia pensar que todos os Bahari trabalham unidos como um todo. Novamente, errado. Embora as flores e frutos de Lilith cresçam de sementes semelhantes, eles crescem à vontade. Muitos se congregam em pequenos grupos – cultos de três a sete membros – ou operam “raízes” que transportam correspondências através de correios, mídia e Internet, mas mantêm seus “galhos” bem distantes. Boa parte cresce como árvores em seus próprios canteiros, alimentando-se de pequenas mas potentes misérias. Outros imitam as

ervas daninhas, espalhando pequenas iluminações e agonias maiores em explosões rápidas e amplas. Algumas seitas são profundamente formais, possuindo hierarquias e protocolos ornados; outras são coros de uma só voz. O jardim da Mãe tem lugar para todos eles, desde que mantenham o jardim em ampliação.

Apresentado ao paradigma bíblico que escolhi, um observador poderia ligar os modos de Lilith às tradições religiosas ocidentais. Mais uma vez, não é necessariamente isso. Embora nós Membros permaneçamos atolados em nossa adoração ao mito bíblico, os caminhos de Lilith são universais. Verdadeiramente, muitas vezes eu os descrevo em termos do familiar patriarcado de Jeová/Adão/Lúcifer; todavia muitos dos seguidores da Mãe Sombria apegam-se a esses mitos, que podem simplesmente ser o resultado da ampla influência do Ocidente. Prefiro ver a saga de Lilith como uma fatia de uma tradição maior – a da Grade Mãe Sombria que cria com amor e então pune com a morte. Essa tradição é universal: eu vejo a face de Lilith na espada reluzente de Ishtar, nos fossos de Kali, nas teias da Mulher Aranha, e mesmo no suave, porém remoto, abraço de Maria. E enquanto eu vejo estas faces, os Bahari os reverenciam em ritual. Eu dancei nos jardins africanos, bebi sangue misturado com manteiga indiana, e fiz preces na noite tibetana. A Mãe está em todos os lugares... assim como suas crianças.

Apesar de sua aliança com Lilith poder fazer os Bahari parecerem feministas naturais, a verdade é muito mais complexa. As mulheres não são exaltadas





necessariamente da mesma forma. Pelo contrário – muitas mulheres, na visão dos Bahari, são descendentes de Eva, a terceira e mais inferior mulher. Criada de um solitário Adão, carecendo dos dons originais de Lilith e sua divina gestação, estas mulheres realmente *são* o rebanho barato que os misóginos desdenham. E, a menos que uma mulher consuma o sangue da Mãe e tome seu Juramento, essa mulher é um animal – digna em sua própria forma, certamente, mas muito abaixo dos Bahari.

INICIAÇÃO

“Tornar-se” um Ba'ham é muitas vezes um processo simples, porém excruciante. Como a própria Lilith, um futuro Ba'ham começa como uma pessoa favorecida – abastada, talvez, ou bonita, ou popular, ou abençoada de alguma outra forma. Subitamente, um evento cataclísmico devasta tudo e a deixa vagando por um deserto de dor. Lá ela obtém algum discernimento da natureza vasta e finita do mundo: alguns têm uma visão literal da Mãe Sombria, ou sonham estar viajando em um lugar arruinado, sem água e vazio. Outros veem os infundáveis olhos d'O Ancestral (citado no *Fragmento do Gênesis*) contemplando um gigantesco vazio; outras ainda caem em coma ou literalmente vagam em um estado de semimorte (muitas vezes grávidas, como Lilith estava) até que uma segunda catástrofe as arranca desse torpor. Até que este ordálio e visão ocorram, uma candidata a Ba'ham permanece fora do jardim; somente rasgando-se com os espinhos do portão ela pode atingir o doce néctar

interior. Até esse momento, ela pode falar o nome da Mãe, realizar seus ritos e até mesmo cuidar do jardim, mas ainda permanece fora dele, assim como Lilith ficou exilada do Éden.

A dor é a iniciação, agonia e discernimento são os degraus.

Se tiver sorte, essa desafortunada pode descobrir – ou ser descoberta por – os seguidores de Lilith. Os rituais que eles costumam ensinar e iniciar dependem dos caprichos e cultura dos Bahari. As chamadas “bruxas” empregam os dogmas da Wicca, *Santería* e outros passatempos modernos; cultos aborígenes tagarelam sobre deidades de pesadelos e dançam com brinquedos de ossos e vísceras; devotos leigos preferem falar em símbolos de matriarcas e mães cruéis, ainda que aqueles que renunciam às tradições cristã, muçulmana e especialmente judaica usam os nomes mais familiares de todos. Nos distantes monastérios de budistas renegados e tântricos esquerdistas, velas iluminam discípulos copulando e seus servos mutilados. Quais são os verdadeiros Bahari? Todos eles, é claro! A dor, a visão, o Juramento e a jardinagem são as únicas associações reais.

O sangue de Lilith consagra uma iniciação. Como a Eucaristia cristã, este sangue forma uma ponte simbólica entre a deusa e o jardineiro; diferentemente da Hóstia,



este sangue é real, muitas vezes colhido do iniciado, do iniciador, uma planta e um sacrifício vivo, então misturado em um preparado não muito agradável. Depois de bebê-lo, o novo Ba'ham recita alguma variação do *Juramento de Lilith*, então recebe quaisquer votos, estudos ou sofrimentos que o iniciador achar apropriados. Muitos Bahari aprendem as runas chamadas *Ba'hara* (ver abaixo), a língua simbólica da seita; muitos outros não. Vale notar que milhares, talvez milhões, de devotos veneram o altar de Lilith sem ao menos saber o que estão fazendo. Ainda que não sejam Bahari oficiais, estes “acólitos” reverenciam a dor, alegram-se no oculto e fazem questão de defender os dois.

Embora nunca formalmente iniciada na irmandade Bahari, fui privilegiada em encontrar vários membros da seita em uma livraria de ocultismo em Soho, cidade de Nova York. Dois deles eram Membros (ou, devo enfatizar, *Lhaka*, já que os de Sangue Bahari não se consideram Membros); três outros eram mortais. Estes personagens fascinantes e carismáticos me levaram num redemoinho de sofrimento e remissão; em sua companhia encontrei outros Bahari, incontáveis seguidores da Mãe que não sabiam por que faziam o que faziam, viajei a lugares isolados e li atentamente os pictogramas Ba'hara que dão conteúdo às escrituras.

Eu sabia, conforme me enchi do conhecimento da Mãe, que minhas alegrias levariam outros membros aos meus tutores. Como um ato de compaixão, matei quase todos eles; melhor que a morte possa vir das minhas carinhosas mãos do que dos brutais ministérios de arcontes ou do estupro mental dos Feiticeiros. Por respeito aos meus professores, não profanarei seus nomes com pseudônimos. Deixemos aqueles que estudam tirar suas próprias conclusões. Permaneço em silêncio.

Meus excelentes mentores introduziram-me a lições igualmente excelentes. Um deles, um magus, levou-me tão longe dentro de mim mesma que pensei que minha mente havia se despedaçado. Suas mãos seguravam a promessa de amor eterno, mas ele se provou mais inconstante em suas afeições do que qualquer membro egoísta. Eu o estripei enquanto ele copulava com uma conquista – um garoto de 12 anos, que eu deixei vivo para que aprendesse com sua experiência.

Uma outrora Toreador cantou para mim as canções de uma freira Bahari enclausurada na Milão do século XII. As devoções da freira foram consideradas odes a Maria até um erudito descobrir sua verdadeira conexão. Como era de se esperar, a freira foi queimada numa pilha de seus próprios hinos. Infelizmente, todas as transcrições foram destruídas também; minha musa os tocou de cabeça. Quando ela esfarelou-se no sol da manhã, as últimas recordações das composições da freira sumiram junto com ela.

Uma Caitiff errante fez minha pele coçar. Grosseira, ela parecia orgulhar-se dos insultos que lhe fazíamos. Sua boca – incrivelmente grande, metafórica e literalmente – nunca se calava. Quando eu a enfiei no picador de papéis, foi o único assassinato



que eu apreciei em anos.

Eu esfolei o velho vivo. Ele me pediu e eu obedeci, arrancando lágrimas de sangue enquanto o fazia. Que desperdício. Seu latim era tão impecável quanto o de um estudante romano, e sua coleção de livros – de romances baratos a altos manuscritos clássicos – era memorável, mesmo que apenas por sua variedade. O velho não tinha boas maneiras, confesso, e isto o tornou vítima de nossas brincadeiras. Ele levou tudo na esportiva, mas pareceu nutrir um rancor que nunca se satisfazia. Seca, sua pele formou o pergaminho para a edição original deste livro. Ele iria querer que fosse dessa forma.

Eu deixei que uma garota vivesse. Até hoje, eu não consigo explicar o impulso que me levou a esse ato de crueldade. Também mortal, a garota parecia vagamente familiar. Conferi sua semelhança depois numa crônica de cultura mágika. Pode ter sido coincidência, mas ela assemelhava-se profundamente com uma pupila de Cagliostro e uma consorte de Aleister Crowley. Submissa por natureza, ela tinha a mais incrível tolerância à dor que eu jamais vi em um mortal.

A líder do grupo, uma balinesa de idade indeterminada, era mortal. Seu carisma, contudo, era como uma coisa viva. Embora não possuísse poderes místicos que pudesse ter notado, ela encantava com cada palavra que proferia. Eu a deixei viver

também. Há muito poucos como ela. Apesar de jurar vingança contra mim por ter matado seus companheiros, ela me agradeceu por tê-lo feito. A Mãe Sombria age de modos estranhos, certamente!

MÁGIKA DO BREVE AMANHECER

Como qualquer um que tenha sentido o açoite dos raios do sol, o impacto de um tiro de escopeta ou o corte de uma ferramenta de vivisseção pode confirmar, todos nós atingimos uma explosão de percepção, um *satori*, quando feridos. Por um breve momento, o mundo congela e somos transportados para um lugar desconhecido onde a pulsação do próprio Deus corre em nossas veias. Como beber da jugular celeste, este obscuro prazer atordoante pode derrubar alguém. O momento é apenas isso – um momento – mas quando passa, vemos algo memorável emergir do nevoeiro de dor.

Muitos Bahari chamam esse momento de *sa*, o “Breve Amanhecer”. Os místicos entre eles comparam isso ao momento de lucidez que os magos chamam de “Despertar”; de fato, muitos deles alegam-se seres Despertos cujo *sa* levou-os a estudar as Artes mágikas. Lilith experimentou *sa* quando vagou pelas terras destruídas, e levou Caim a ele quando ele desceu ao Inferno. Se corretamente experimentado, *sa* leva



à elevada consciência, percepção sobrenatural e poderes místicos. Humanos buscam por ele em rituais sado masoquistas, mas isso raramente vem de forma organizada. Para encontrar um verdadeiro *sa*, se deve mergulhar de cabeça em um abismo físico e emocional – e sair pelo outro lado. Os Bahari cultivam o *sa*, neles mesmos e nos outros. Para eles, é a doce fruta do Conhecimento e a amarga polpa da Vida em um só.

Talvez os sons místicos do *sa* proporcionaram a Lilith seu ar de feitiçaria; embora ela claramente transcenda as mágikas mortais, os feiticeiros tem estado ligados a Lilith desde o início dos tempos. Não é menos verdadeiro nos dias de hoje; seitas de magos abrigam grandes números de Bahari, cujas Artes místicas promovem o sonho da Mãe Sombria das Marés Finais. Embora eu não seja catedrática em cultura mágica, encontrei vários desses assim chamados “magi” em seus campos rituais. O mais predominante, ao que parece, vem de um clã místico que tem o nome de um tipo de planta medicinal, ou verbena; considerando seus papéis como frutos do jardim de Lilith, seu nome botânico é apropriado. Outros pertencem à sociedade reincarnacionista cuja imagem de uma grande roda corresponde aos olhos eternos d'O Ancestral, abrindo e fechando em seus infundáveis ciclos de criação e destruição. Outros ainda passeiam no êxtase de dor e lampejos de sabedoria posterior a isso, ou lideram cultos de origem dúbia. Ainda que muitos desses místicos promovam os planos de sua rainha numa base local, admito que alguns deles detêm rebanhos que causariam inveja a qualquer Príncipe. Cultivando estes rebanhos com credos de renovação através de sacrifício, feiticeiros bahari cultivam uma fome por sabedoria – e por mais e maiores agonias.

SANGUE BAHARI: RENUNCIANTES DE CAIM

Como Caim, os Membros são atraídos e inspirados pelo sofrimento; esta tendência explica certos passatempos suicidas como andar sobre fogo, políticas da Gehenna e os Tzimisce em geral. Quando você considera esse fato, os membros renunciantes – chamados de *Lhaka* ou Sangue Bahari – entre as hostes de Lilith parecem naturais. Como eu mesma, muitos desses vampiros começam como ovelhas cegas; atingidos pelo *sa*, alguns poucos compreendem a verdadeira ordem das coisas e logo se juntam aos Bahari. O rito de sangue quebra o laço de vitae que nos liga aos nossos princípios; como Lilith comendo o fruto do Éden, esse momento apaga nossa prévia cegueira. Desse ponto em diante, nós somos indivíduos cuidando do jardim da dor.

(Me faz sorrir pensar nos nossos ó-tão-sagazes anciões se jogando nas mãos de Lilith com tanto prazer. Seus conflitos incessantes por supremacia geram anarquistas e pretensos Bahari assim como água suja gera disenteria. A maldição de Lilith permanece ainda hoje. Os filhos de Caim “se alimentam dos corações uns dos outros”,

figurativamente e de outra forma, como delicadezas palpitantes.)

As Lamia, uma linhagem extinta dos Giovanni, presenteiam o erudito com um enigma. Os apócrifos Giovanni (obtidos a um grande preço, eu lhe asseguro!) dizem que a linhagem começou quando um deles raptou uma sacerdotisa de Lilith. Supostamente, esta sacerdotisa era a única filha de Adão e Lilith, nascida de um ciclo infundável de estupro e concepção estendendo-se até a brutalidade do próprio Adão. A lenda Bahari, por outro lado, diz claramente que Lilith teve três filhas e três filhos, que nenhum deles era de Adão, e que todos eles foram assassinados. Embora esta dificilmente seja a primeira vez que as lendas discordam umas das outras, o ponto vale à pena ser registrado.

Supostamente, estas Lamia se tornaram Membros raros, porém iluminados, mantendo os “verdadeiros ritos da Mãe Sombria” mas servindo ao clã que os Giovanni destruíram. Eu acredito que isso não passa de besteiras; ainda que seja completamente possível que um “Capadócio” Abraçasse uma sacerdotisa Bahari, esta seria uma pobre Ba'ham que passaria todo seu tempo transando com cadáveres a serviço da prole de Caim. Ainda que provar minha teoria seja difícil – todas as Lamia foram dadas como exterminadas por volta do século XVIII – especulo que os progenitores Giovanni também o tenham sido. Talvez nossa sacerdotisa mítica realmente acreditasse descender de Adão e da Mãe; talvez ela fosse – dizem que Lilith estava grávida durante sua jornada pelo deserto, e é possível que ela carregasse uma criança humana assim como a descendência sobrenatural de Jeová. Sabendo o que sei do Breve Amanhecer e suas formidáveis consequências desse choque, eu não acredito que uma tribo de necrófilos perversos pudesse ter escravizado os seguidores de Lilith. Acredito que um punhado de Bahari deu continuidade à piada, então colocaram seus “mestres” em um série de armadilhas fatais.

De qualquer forma, dizem que as Lamia comandaram temíveis flagelos e necromancias; a descrição de uma capturada por Inquisidores pode ser encontrada no Livro III. Talvez as Lamia ainda existam sob outro nome¹; tendo projetado a destruição dos Capadócios, elas quebraram seus laços de sangue e se juntaram aos crescentes postos dos Lhaka – uma sociedade à qual eu própria pertença.

E estou longe de estar sozinha.

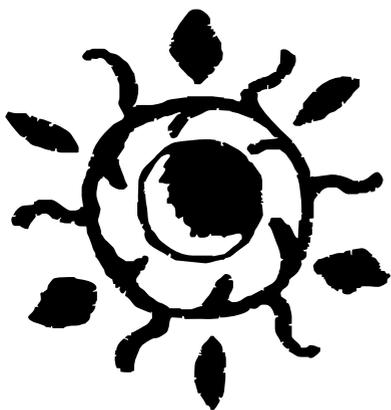
Chega de fatos irrelevantes. Deixemos os frutos serem colhidos e as Marés Finais subirem! Festejem nestas Revelações como festejei com o sangue e os corações de meus antigos amantes e parentes. Fiz minha parte, e espero o curto porém brilhante amanhecer.

1: Eu sei de fato que algumas das chamadas “Filhas da Cacofonia” adoram a Lilith. Seus dons para a música e a loucura fazem muito sentido. Seriam elas talvez as remanescentes das Lamia, ou uma versão enlouquecida das mesmas? Talvez nunca saibamos.

EXEMPLOS DE PICTOGRAMAS BA'HARA

Uma sociedade secreta requer comunicações secretas. Ba'hara, uma coleção de símbolos mnemônicos, garante uma base escrita para a tradição oral. Embora não seja uma língua no sentido formal, ela oferece a um iniciado Ba'ham um sentido de unidade. A partir de minhas pesquisas, deduzi que Ba'hara deriva de pictogramas medievais da extinta linhagem Lamia, a qual é proveniente de uma fonte ainda mais antiga. Estas “formas primitivas” da língua foram, que eu saiba, há muito esquecidas, embora os exemplos, provavelmente, ainda existam em alguma gruta remota, irreconhecíveis como já foram um dia.

A forma moderna de Ba'hara utiliza plantas e animais como bases abstratas para suas letras. Assim como a própria seita, é dito que a língua se desenvolveu a partir de sementes do terceiro jardim, e suas plantas são um eco dessas ideias.



LILITH



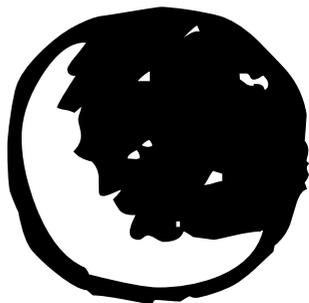
CAIM



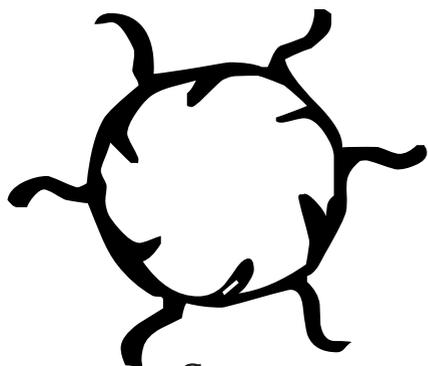
SANGUE



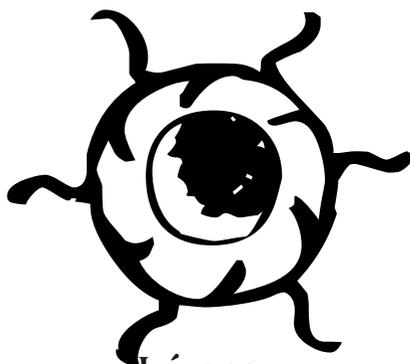
MEMBRO



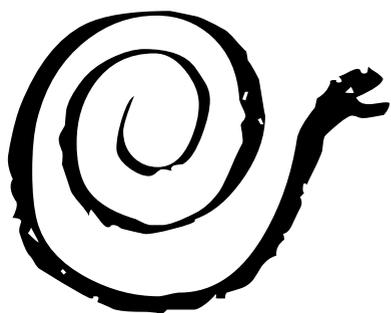
LUA



SOL



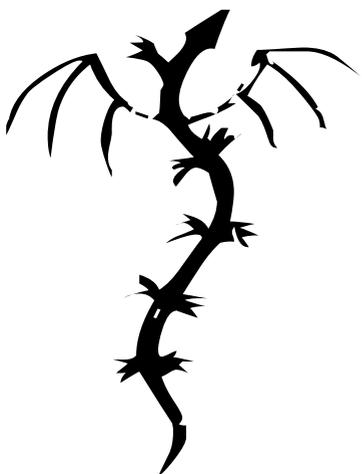
LÚCIFER



SERPENTE



CORUJA



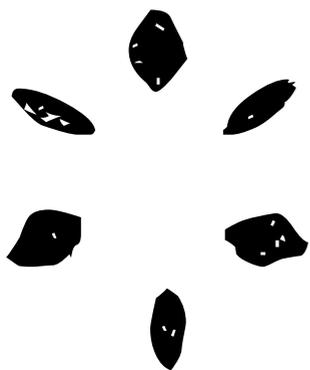
DRAGÃO



GATO



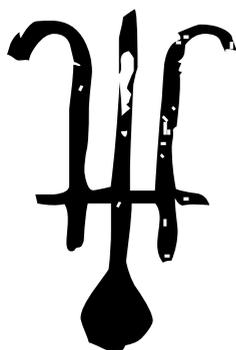
HUMANO



ALIADOS



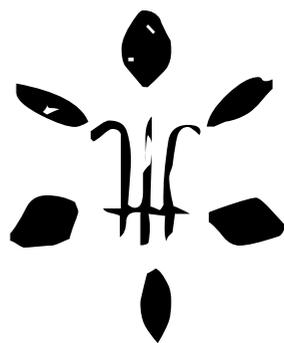
MÁGICA



LUGAR SAGRADO



PERIGO



ENCONTRAR AQUI



ESTE LUGAR DEVE
SER DESTRUÍDO

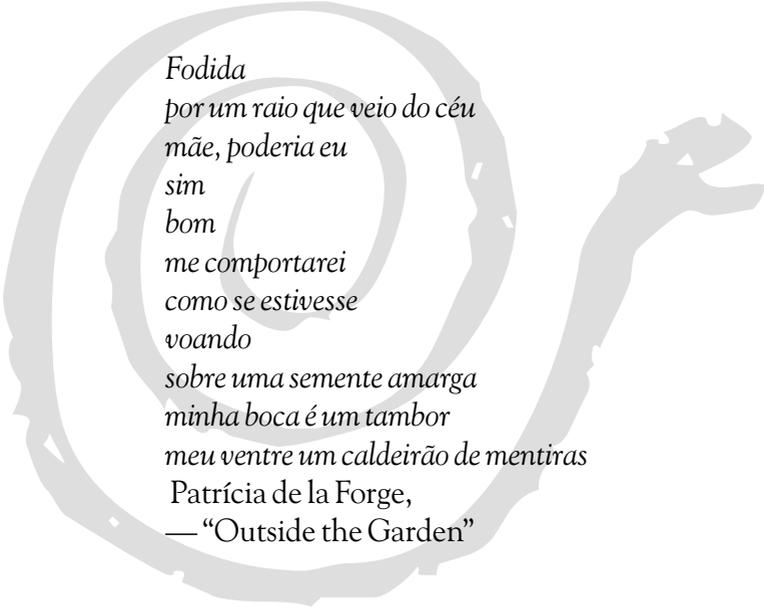


TODOS SAÚDEM LILITH!



Ilustração de *Le Jardin interdit: Ces Choses qui ne sont pas dites* (O Jardim Proibido; ou Das Coisas Que Não São Mencionadas), de Marc-André Rivest, 1547.

PRIMEIRO CÍRCULO: O LIVRO DA SERPENTE



*Fodida
por um raio que veio do céu
mãe, poderia eu
sim
bom
me comportarei
como se estivesse
voando
sobre uma semente amarga
minha boca é um tambor
meu ventre um caldeirão de mentiras
Patrícia de la Forge,
— “Outside the Garden”*

O JURAMENTO DE LILITH

NOTA DA EDITORA

Registrado por uma Ba'ham durante sua iniciação, diz-se que o Juramento é a conservação das palavras que Lilith disse a si mesma quando se vestiu com o Manto da Lua. Fantasia, sem dúvida, mas as palavras, quando pronunciadas, ressoam com um poder inegável. Embora nunca me considerasse uma Ba'ham formal, pronuncio este juramento ao cair de cada noite. Esta minha devoção pode explicar algumas coisas...

A primeira vez que provei do fruto das Árvores
sentí as sementes da Vida e do Conhecimento
arderem dentro de mim
jurei nesse dia que não voltaria atrás.

A primeira vez que provei da carne da morte
sentí o sabor do sangue
e o ranger dos ossos
jurei nesse dia que não morreria.

A primeira vez que provei do meu próprio sangue
sentí o movimento e a agitação
de minha própria vida em meus lábios
jurei nesse dia amar a mim mesma
acima de tudo.

A primeira vez que provei da luz da lua
senti seu brilho em meu ventre
e sua selvagem ternura
jurei nesse dia que caminhará à noite.
A primeira vez que provei do amor de
um deus
senti o cortante alçar
de canção e fogo
jurei nesse dia que acariciaria a carne.
A primeira vez que provei do sal do mar
senti meu sangue transformar-se em água
enquanto o céu caía sobre mim
jurei nesse dia que descenderia e
retornaria com maravilhas.
A primeira vez que provei do amor de
um filho
gritei com a alegria de uma nova vida
e chorei pelo que havia perdido e
ganhado,
jurei nesse dia nutrir a vida
como antes abraçara a morte.
Juro por três vezes três vezes três
Que estes sete momentos serão meus
E que nada que transpire,
Nem deus nem homem nem besta os
tirá de mim.
Juro por mim mesma
e por minha imortalidade.



O FRAGMENTO DO GÊNESIS

NOTAS DA EDITORA

Isto – a origem de todo o Ciclo de Lilith – é o que falta nas escrituras tradicionais.

Mesmo que supostamente descreva os Primeiros Dias, o Gênesis judaico-cristão não faz referência a Lilith em momento algum. A vemos mencionada nos Midrashim rabínicos dos judeus e em vários textos hebreus obscuros (e não tão obscuros), mas a consolidação da Bíblia cristã e da Tanakh judaica carecem da presença da primeira mulher.

Quando vislumbramos este “Gênesis perdido” podemos ver o porquê.

Apesar do seu nome, o assim chamado “Fragmento do Gênesis” não pode ser considerado parte da cultura dos livros canônicos cristãos e judaicos. Embora o exemplar mais antigo do fragmento tenha sido de fato escrito em hebraico, o uso informal, por vezes burlesco, do nome de Jeová (tradicionalmente escrito como YHVH, “O Senhor”, ou “O Sagrado”, e seguido por “bendito seja”) está tão distante do paradigma judeu que o Fragmento deve ser considerado, na melhor das hipóteses, o trabalho de algum israelita profundamente herege.

Não que haja algo incomum nisso: o Gênesis, o Êxodo e outros dos primeiros livros declaram a existência de uma miríade de seitas pagãs ou heréticas entre os filhos de Abraão; um autor com um ponto de vista, digamos, incomum do Todo Poderoso não é muito difícil de imaginar. Ainda assim, muitos textos heréticos foram purgados junto com seus autores. O Fragmento do Gênesis conseguiu estar entre as escrituras que foram contrabandeadas do cerco romano a Jerusalém (64 d.C.) e de algum modo foi salvo da destruição. Dada a natureza blasfema do Fragmento, duvido que tenha sido considerado parte do Pentateuco, ou os cinco livros de Moisés. É mais provável que tenha sido mantido como parte de um ritual ou encanto de proteção – “conhece teu inimigo” – ou como material de estudo de algum intrépido erudito. Seja como for, o Fragmento foi preservado das chamas das legiões de Roma, mas foi deixado de lado quando a Torá foi compilada a partir dos textos salvos – e novamente mais tarde, quando o Concílio de Niceia consolidou os livros da Bíblia cristã.

Por questões de precisão, comparei este Fragmento com dois similares, um em grego e outro preservado na tradição oral dos ritos Bahari. Foi-me concedido acesso a uma versão pictográfica Ba'hara, mas uma vez que tais imagens são projetadas como

memórias, não palavras literais, dificilmente poderiam ser uma versão Bahari “definitiva”. Em parte para conservar o ambiente intrínseco ao texto, em parte para capturar o ritmo original do hebraico, usei a versão israelita como base de minha tradução. Uma série de notas de rodapé registram minhas próprias observações.

Seria fútil tentar começar dizendo qual destas três versões é a “definitiva”. Cada uma delas tem a sua própria autoridade. O relato Ba'hara obviamente adota o papel do Evangelho segundo Lilit; a fonte grega serve de “ponte” entre os rolos antigos e a tradução atual, e inclui algumas ambiguidades panteístas intrigantes; o documento herético israelense é mais adequado ao nosso conceito ocidental das Escrituras. Surpreendentemente, todas elas se confirmam de um modo quase perturbador.

Apesar de o Fragmento conter numerosos elementos cabalísticos, estes se encontram difusos e desorganizados. Seria de autoria de uma mulher? Se sim, isso justificaria as correspondências incompletas e o uso improvisado do hebraico. A erudição feminina era de certo ponto mal vista, e muitas vezes proibida – especialmente quando dita erudição incluía as Escrituras. Até mesmo jovens homens eram (e ainda são) mantidos afastados das mais sagradas escrituras. Creio que a verdadeira origem do Fragmento vem da “sabedoria feminina”, a tradição oral transmitida de geração a geração, de mãe para filha, e que raramente se punha por escrito. Este certamente é o caso com a versão Ba'hara. As similaridades entre todos os fragmentos prestam relevância à minha afirmação.

A despeito de sua fonte e sua importância para a doutrina Bahari, o Fragmento é mais a história dos Primeiros Dias do que uma relação das aventuras de Lilit. Ela realmente não é sequer a protagonista principal – esta distinção pertence a Jeová, o deus atrapalhado, orgulhoso e definitivamente trágico cuja húbri estilhaçou o equilíbrio da Criação Imortal. Do mesmo modo, seus atos rompem uma fortaleza de estase, e criam a primeira criatura com vontade própria: Lilit. E quando ela toma parte neste drama universal, O Que Era tornou-se O Que Será. Seu desafio – primeiro de Jeová, então dos elementos, então de Lúcifer e finalmente dos outros deuses – abalou o mundinho feliz que havia encoberto profundas injustiças. Ela traz consigo amor, alegria, rebeldia e finalmente desastre, mas emerge como a verdadeira arquiteta do nosso mundo, para o bem e para o mal. Quando parte para o Mar Eterno para estabelecer seu próprio jardim, vemos Jeová como um igual: a mulher que forçou-o a ver a ilusão sob a qual estava se escondendo.

Não surpreenderia que os Bahari a consideram a Verdadeira Deusa do nosso mundo.

O FRAGMENTO DO GÊNESIS

I: A CRIAÇÃO

Uma vez, houve silêncio e quietude. Esse foi o Tempo do Nada, quando o Ancestral descansava Seus olhos e não se movia. A cada 55.555 anos, o Ancestral rompe Seu sono e abre Seus olhos, para ver o que não estava antes ali. A cada 55.555 anos, fecha novamente Seus olhos, e tudo retorna ao silêncio e quietude novamente.¹

Então o Ancestral abriu Seus olhos pela 333^a vez, e um relâmpago de Luz rompeu a escuridão.² Dali veio [Jeová]³ e os outros Seres Luminosos.⁴ Para agradecer os olhos do Ancestral, Falaram grandes Palavras, e cantaram grandes Canções, e assim foi como o mundo veio à criação.

Até as conchas dos 332 Velhos Mundos se dirigiram, e as criaturas destes mundos gritaram e se dirigiram para as terras selvagens.⁵

Cada um deles cultivou um jardim, criando plantas e bestas em seu interior. Dentro de cada jardim, a terra provia sustento para os entes que cresciam; e o fogo ardia nos céus de dia e de noite; e o ar fluía como palavras de divindade; e as águas nutriam as flores e plantas e todos os seres vivos.⁶

E Jeová, o Primogênito, cultivou o maior Jardim de todos na terra entre os rios. E Ele cultivou duas Árvores dentro deste Jardim, a Árvore da Vida e a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. E cada Árvore produziu frutos com sete sementes cada uma e cada semente continha as grandes verdades dos Seres Luminosos.

Com o passar do tempo, as bestas do jardim de Jeová se alimentaram das sementes das Árvores, e conheceram as grandes verdades, mas não se importavam. As bestas se alimentaram das sementes, e das ervas, e umas das outras; pois assim é Como São Todas as Coisas. E isso era bom.

Mas Jeová tinha fome. Alimentou-Se dos frutos de ambas as Árvores, mas eles não O saciaram. Bebeu dos dois rios, e do sal dos grandes mares, mas não O saciaram. Alimentou-se nos jardins de [Lúcifer] e [Gabriel] e [Astarte] e

[Bes], mas ainda assim Ele não estava satisfeito. Seu ventre rugia e as bestas se escondiam temerosas, tão grande era a ânsia do Primogênito. Mas Ele não tinha fome de carne, nem de frutas, nem da companhia de Seus primos. Jeová ansiava uma cônjuge.

Então Jeová chorou, e Seus gemidos eram como tormentas. Chorou, e Suas lágrimas banharam a Terra Verdadeira⁷ no centro de Seu Jardim. E elas caíram sobre as sementes das Árvores da Vida e do Conhecimento, e produziram um estranho e maravilhoso fruto.

Macho e fêmea ergueram-se como Um do barro da Terra Verdadeira, unidos pelas costas; e lutaram para porem-se de pé mas não conseguiram. Até que Jeová passou Sua mão entre eles e os transformou em Dois; iguais e fortes Ele Os fez.

E o Ancestral não viu estas coisas. Mas Ele parecia sorrir.



II: O JARDIM

Jeová chamou Suas criaturas de "Ish", ou "Adão", e "Lilitu", ou "Lilith",⁸ e Ele os deu grandes Dons. Ao macho, Ele deu os poderes de Modelar e de Nomear; à fêmea, Ele deu os poderes da Fertilidade e da Intuição. Erguidos como haviam sido da Terra Verdadeira e das sementes das Árvores, o homem e a mulher podiam ver e adorar às obras de Jeová, e Ele estava muito contente.

E Ele ordenou que Seus servos, aqueles serafins e querubins e demônios, que mostrassem a Adão e Lilith as maravilhas do Jardim, e que empregassem seus Dons. Ele ordenou a Adão que nomeasse cada uma das criaturas e plantas que ali moravam, e ordenou a Lilith que as alimentasse; e ordenou a ambos que tomassem o que necessitassem do Jardim.

Lilith passou o tempo entre as plantas e cultivando coisas e árvores frutíferas; Adão passou o tempo nomeando as feras, macho e fêmea, que habitavam o Jardim. Adão aprendeu a caçar as criaturas tal com caçavam umas às outras; e Lilith aprendeu a alimentar-se de árvores e plantas, como as árvores e plantas fertilizavam umas às outras.

Enquanto cuidava do Jardim, Jeová proibiu Lilith das Árvores da Vida e do Conhecimento, dizendo-lhe: "Estes são os frutos da divindade. Imortais, como tu és, estes frutos te devorariam por dentro se ousardes devorar-lhes antes. Como o relâmpago dos Céus, eles te cegariam, te despedaçariam as carnes e as entranhas, e te partiriam como à árvore por ele alcançada".

Mas Lilith não acreditou em Jeová; tampouco O pôs a prova. Mas desejou estes frutos, pois ela era uma criação de grande vontade. Quando o fruto caiu das Árvores, ela comeu dele, e assim seus olhos foram abertos.

Estava nua, mas não se envergonhou disso.⁹ E tornou-se um Ser Luminoso, como Jeová; mas não entendeu como ser igual a Ele, e assim esperou e observou.

Lilith tentou explicar a Adão os segredos das plantas, mas a ele isso não importava; o observou enquanto caçava, e criou ferramentas que a ajudariam; e ordenou ao lobo e ao leão e à coruja que a seguissem. Assim Lilith sobressaiu-se nas tarefas da caça e da coleta de alimentos¹⁰. Mas Adão enfureceu-se, e afastou-se dela.

Em sua solidão, Adão conheceu muitas das bestas fêmeas, pois ele desejava uma companheira para si. E Jeová ordenou-lhe que procurasse pela fêmea, Lilith, como



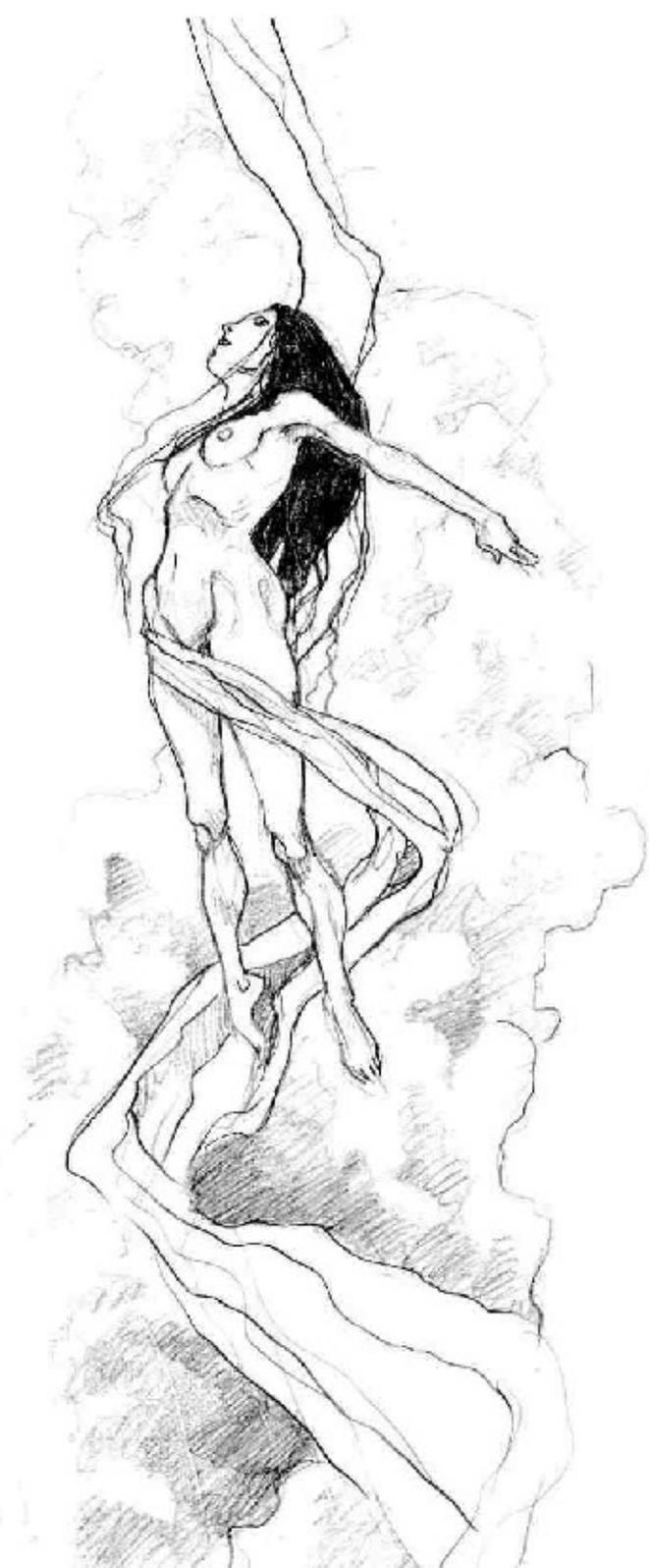
companheira, dizendo: "Tu estás acima das bestas, e é detestável que te deites com elas."

Então Adão foi até Lilith e disse-lhe para que deitasse consigo. Mas Lilith sentia repulsa por ele, pois havia copulado com as bestas. Ele tentou inclinar-se sobre suas costas para poder penetrá-la, mas ela o rechaçou, dizendo-lhe: "Porque deveria eu deitar-me debaixo de ti? Eu também fui criada da Terra Verdadeira, e sou tua igual."

E Adão se enfureceu; em sua raiva, forçou Lilith a deitar-se sob ele. Enquanto lutava, ele a infligiu vários golpes, até que o sangue de Lilith caísse sobre a terra, e o sangue de Adão também. E Adão estava impetuoso como um touro, e sua semente caiu sobre a terra; e arbustos e heras cresceram ali, agarrando-se aos tornozelos de Lilith e Adão.

Adão enfiou-lhe o chifre de sua virilidade; mas Lilith gritou o Nome Verdadeiro oculto de Jeová, e Ele apareceu acima do Jardim vindo dos Céus.

E Adão estava só, e aplacou sua ira e luxúria nas feras e flores. Mas como não havia comido do fruto das duas Árvores, ele não sabia o que fazia.



III: LILITH COMO CONSORTE DE JEOVÁ

Quando Lilith estava longe de Adão, Jeová a inquiriu. "Como soubeste o Nome Oculto Daquele que te criou?" Sua voz era ensurdecadora. A luz crepitou no céu. Os ventos esvoaçavam os cabelos de Lilith e banhavam sua pele com gelo.

Ela teve medo, mas não se alterou. Ao invés disso, falou até Ele, até o trovão e o relâmpago e o vento. E seu medo foi sabedoria e consolo contra a tormenta.

Lilith disse, "Eu fiz o que Tu me pediste. Cultivei os frutos do Jardim, e as bestas do bosque. Quando prosperaram, me nutri deles. Quando caíram, os recostei para repousarem. Os frutos que eu comi são os que caíram por Tuas próprias mãos. Os aceitei como um dom de amor de Tua abundância, para que pudesse unir-me a Ti nos Céus."

Após dizer isso, fez crescer suas próprias flores; flores que não foram criadas pelas mãos de Jeová, nem cultivadas pelas mãos de Lilith. Novas, ela criou-as do Firmamento dos Céus, e ofereceu-as a Ele.

E finalmente a tormenta acalmou-se. E Jeová permaneceu calmo.

Ele a levou aos Céus, e a tomou como esposa. Durante sete dias e sete noites, ela se sentou sobre Seu colo e Ele dentro dela.¹¹

E sua cópula foi como a tormenta; e ambos estavam satisfeitos. E o amor cresceu entre Jeová e Lilith, com os frutos da Árvore da Vida.

Mas Ele não suportava compartilhar Seu poder e conhecimento. Lilith disse, "Agora somos como deveríamos ser, iguais sobre todos os demais". Ao ouvir isto, Jeová enciumou-se, como fizera Sua criação Adão.

E assim ocorreu que Jeová banuiu Lilith de Sua vista, como antes já banira a Dama¹² que viera antes dela. Após sete dias e sete noites, Lilith foi exilada dos Céus. Ao pó entre os jardins ela foi lançada. Jeová declarou "Que tu vagues pelas terras incultas por todo o tempo." Assim dizendo, Ele se foi, deixando Lilith só.

IV: LILITH SÓ¹³

Então Lilith rumou para o deserto e vagou durante sete vezes sete dias e noites.

E os dias eram cálidos e selvagens, como as chamas; e a escura pele de Lilith avermelhou, e secou e rachou como o barro; e sua língua inchou; e seus ossos marcavam sua pele; e seus pés foram queimados como que por fogo. Mas ainda assim não se arrependeu; nem buscou pelo perdão do Senhor, nem negou que era como Ele.

O fruto que havia comido se alojou em seu ventre, e a alimentou.

Mas seu coração e ventre foram dilacerados pelo amor Dele que a havia traído; e Sua semente cresceu em seu ventre até que ficou inchada e pesada.

Quando teve sede, Lilith bebeu de seu próprio sangue, e este a alimentou.¹⁴

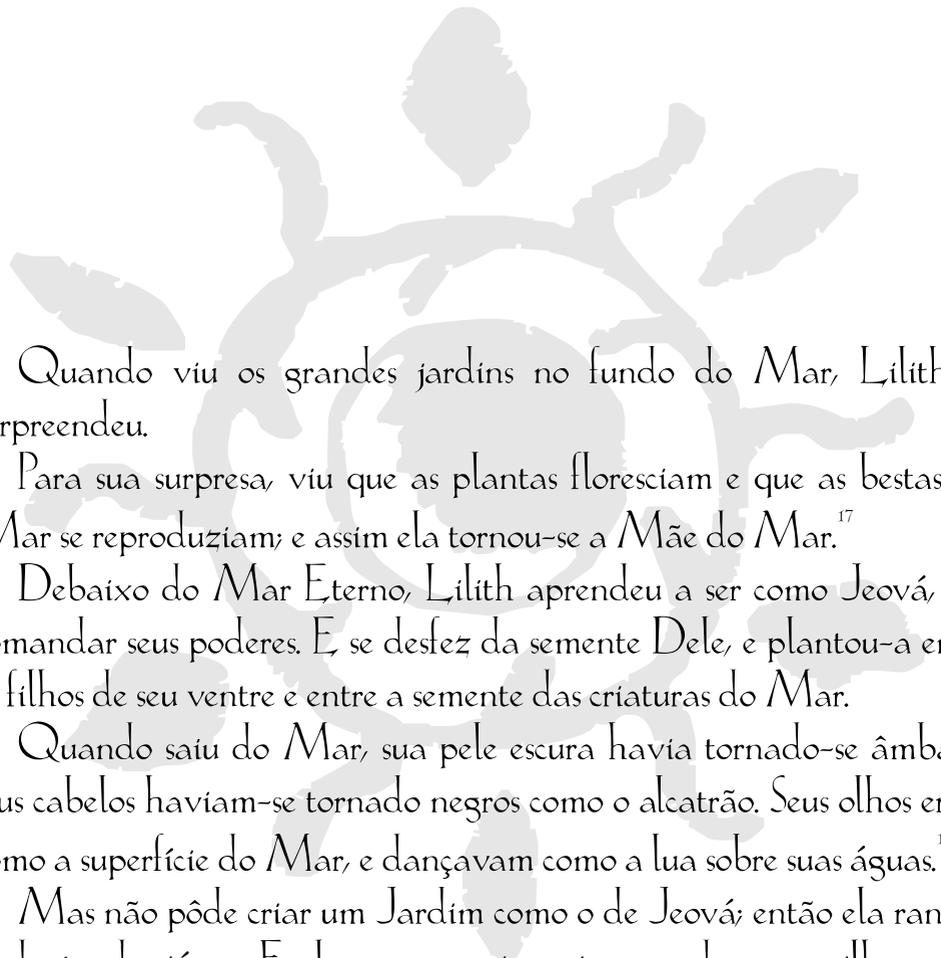
Os dias eram um tormento para ela, e assim aprendeu a enterrar-se na terra e aguardar a caída da noite. Sob o solo, Lilith aprendeu a enviar seus sentidos ao longe¹⁵ e assim descobriu os rios e Jardins dos outros Seres Luminosos. E quando o sol havia se posto, emergiu da terra e seguiu até o Mar Eterno.

E Lilith caminhou por rochas e areia; e cruzou montanhas e tremeu com ventos frios, e foi fustigada pelo pó; e caiu muitas vezes, mas não se deteve, mas erguia-se e começava de novo. Pois a dor era como sabedoria para ela.





Longe das terras de Jeová, ela encontrou a grande extensão que era o Mar Eterno¹⁶. Quando o alcançou, Lilith se atirou nas águas, e nadou até as profundezas; e se transformou em uma de suas próprias criaturas; e se deitou com elas, como Adão fizera com as bestas do Jardim; e as caçou, como fizera no Jardim, até que estivesse saciada.



Quando viu os grandes jardins no fundo do Mar, Lilith se surpreendeu.

Para sua surpresa, viu que as plantas floresciaam e que as bestas do Mar se reproduziam; e assim ela tornou-se a Mãe do Mar.¹⁷

Debaixo do Mar Eterno, Lilith aprendeu a ser como Jeová, e a comandar seus poderes. E se desfez da semente Dele, e plantou-a entre os filhos de seu ventre e entre a semente das criaturas do Mar.

Quando saiu do Mar, sua pele escura havia tornado-se âmbar e seus cabelos haviam-se tornado negros como o alcatrão. Seus olhos eram como a superfície do Mar, e dançavam como a lua sobre suas águas.¹⁸

Mas não pôde criar um Jardim como o de Jeová; então ela rangeu os dentes de ciúmes. Embora conseguisse criar grandes maravilhas e dar à luz muitas bestas estranhas, Lilith não estava satisfeita.

Então ela deixou o Mar Eterno e retornou ao deserto.

Ela almejava o fruto do Jardim de Jeová; pois era o mais saboroso que já havia provado.¹⁹

V: JARDINS DOS ELOHIM²⁰

Lilith vagou durante sete vezes sete anos; e então foi quando encontrou os jardins de [Bes]; e os vinhedos de [Dionísio]; e os campos de [Baal], e todas as maravilhas que estes continham. Aquelas maravilhas que trazia consigo fizeram-lhe notar, pois eles estavam surpresos de ver alguém tão graciosa e bela quanto Aquela Que Surgiu do Mar Eterno.

E houveram grandes celebrações nos jardins de [Bes]; e nos vinhedos de [Dionísio]; e nos campos de [Baal]; e todos os Seres Luminosos proclamaram, "Lilith é sem par, Luminosa com a luz do Ancestral mas feita da Terra Verdadeira de nossos jardins."²¹

Mas as celebrações e as libações eram como prazeres vazios. Lilith ansiava pelo fruto do grande Jardim de Jeová; os frutos das Árvores da Vida e do Conhecimento. Não haviam outros que se assemelhassem, por mais ricos que fossem. E assim ela deixou estes jardins, agradecendo aos anfitriões e presenteando-lhes com preciosos frutos.²²

Assim ela continuou só até chegar aos portões do Éden.

VI: JEOVÁ ENCARREGA LÚCIFER COM A PROTEÇÃO DO ÉDEN²³

E aconteceu que Jeová soube das viagens de Lilith até os Seres Luminosos; e Ele temia que pudesse regressar ao Éden e destruir sua criação. Então Jeová encarregou Lúcifer de guardar o Éden, caso Lilith regressasse.

E o Portador da Luz, que guardava Jeová em seu coração como a um irmão, aceitou o cargo e prostrou-se diante das portas do Éden com uma temível espada. E a espada foi criada a partir da Terra Verdadeira do Éden; e assim esta espada poderia banir Lilith, pois ela foi criada da mesma Terra. Pois era terrível para ela, e também para Adão.

Com sua grande Visão, Lúcifer viu Lilith a uma grande distância; das nuvens do dia e do brilhante disco do sol a espiou. Mas foi ferido por sua beleza, como que

por um raio; e quando ela se aproximou, ele recuou suas mãos com a espada ainda nelas. Mas não a feriu.

E Lilith lhe disse: "Quem és tu, que guardas o Jardim do Primogênito?"

"Eu sou a Luz e a Escuridão", respondeu Lúcifer.

"Tu és belo aos meus olhos", falou Lilith, e disse a verdade;

Pois ele é um cajado polido, uma árvore modelada com contornos que satisfazem a vista; e sua pele é ouro polido, e seus olhos são da cor da lua. Seu alento é o aroma de um lótus; e seu toque é como um sussurro.²⁴

Lúcifer disse: "És tu a insolente criação de meu irmão, que saiu do Jardim com ódio no coração?" "Não o sou", ela respondeu. "Sou como tu e como nosso irmão; e nunca feriria nada em Seu Jardim, nem sequer às bestas inferiores ao seu cuidado.²⁵ Somente desejo aprender sobre as maravilhosas Árvores que ele cultiva."

E ele olhou em seu coração e viu que dizia a verdade. E seu próprio coração se encheu de amor e desejo, como um jardim florescendo com água fresca e boas sementes. Assim que Lúcifer deixou-a passar.



Mas antes de Lilith entrar, o Portador da Luz ofereceu-lhe um presente. Lúcifer disse, "Assim como sou o Senhor da Luz, tenho também o domínio sobre essas esferas que iluminam o céu. E deste modo te presenteio com estas vestimentas da Noite, querida irmã, onde estão bordadas a lua e as estrelas e tudo o que se pode ver no céu noturno. Use-as e governe a Noite assim como eu governo o Dia."

E Lilith tomou as vestimentas; e sua tez ficou como o azul escuro da noite; e seus cabelos como o prateado das estrelas; e seus olhos brilharam com a suave luz da lua.²⁶

Sobressaltada e surpresa, Lilith se deteve. "Amo estes presentes, como amo agora a quem os me entregou", disse. "Não perturbarei o nosso irmão, mas sim cultivarei o meu próprio Jardim; e tu poderás vir me visitar lá; e eu te mostrarei todos os seus esplendores."

Assim dizendo, ela deixou o Éden. Então cobriu-se com seu manto de noite e subiu até o céu, ao longe.



VII: O PRIMEIRO JARDIM DE LILITH

Lilith escolheu uma terra rica e fértil, com três rios delimitando suas fronteiras. E cobriu esta terra com seu manto de Noite; de suas vestimentas, colheu um punhado de estrelas; e espalhou as estrelas sobre a terra. E essas sementes celestiais geraram maravilhosas árvores frutíferas e todo tipo de vegetação.

Mas esta vegetação não era como a do Éden de Jeová; pois cresciam somente sob o amparo da Noite, e sob a luz da lua de Lilith. E Lilith caminhou muitas vezes por seu Jardim; e alimentou as plantas com seu próprio sangue; e floresceram e deram grandes frutos.

Em seu ventre, Lilith conservava as sementes da Árvore da Vida e do Conhecimento. Agora ela passava estas sementes à terra de seu jardim. Estas ela também alimentou com a água de seu corpo e o sangue de sua vida; mas elas não cresceram.

E Lilith foi ao ar com lamentos de frustração e tristeza; pois ansiava pelos frutos destas Árvores; e pelo amor de Jeová, aquele que a expulsou.

Então Lilith escureceu; e sua raiva subiu como a areia em vento forte; e purificou o local onde não cresceram as sementes das Árvores; onde as sementes caíram na terra; e amaldiçoou Jeová por seu orgulho. Então amaldiçoou a si mesma por sua dor, e pelo amor que sentia por Aquele Que A Traiu.

E seu primeiro jardim foi arrasado em sua fúria, até que deixou de existir.

Então Lilith deixou seu Jardim da Noite e partiu para o Éden.



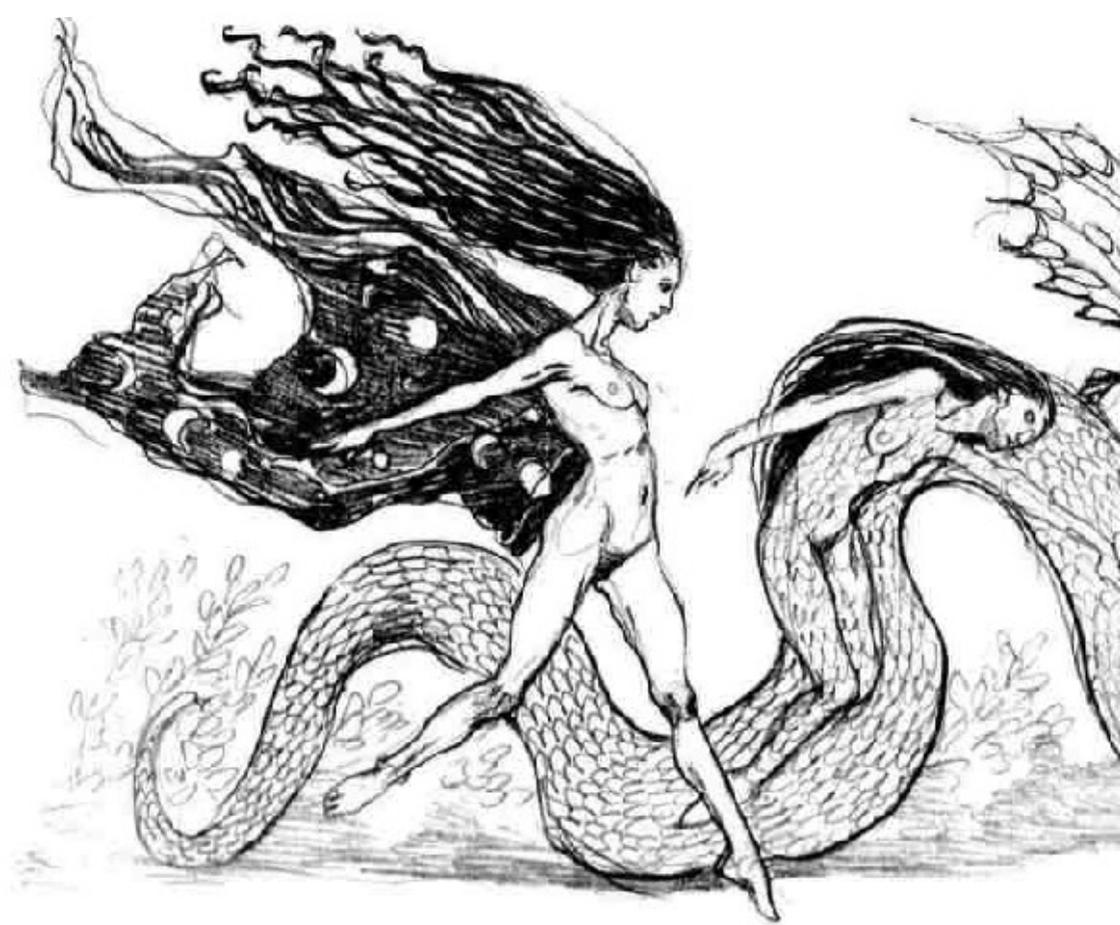
VIII: A CRIAÇÃO DE EVA, E A QUEDA

Quando Jeová tomou Lilith, Adão se encheu de raiva e ciúmes, pois havia tomado sua parceira. E em silêncio amaldiçoou o nome de seu Criador. Mas Jeová o ouviu e disse: "Não sejas leviano. Aquela que tomei de ti estava repleta de espíritos malignos²⁷ e teria te ferido. Não temas, pois te darei outra companheira."

Jeová dirigiu-se à Terra Verdadeira, e tomou um punhado de barro e lançou seu alento sobre ele. E o barro formou os ossos da fêmea; e sua pele; e os fluídos e órgãos internos. Mas Adão estava consternado, e se sentia mal no jardim; pois havia visto as entranhas de sua companheira, e não lhe daria um Nome.²⁸

Então Jeová destruiu Sua criação; com um poderoso vento, Ele rasgou pele, e entranhas, e ossos, e deixou que seus fluídos encharcassem o solo da Terra Verdadeira. E pequenas criaturas vieram e devoraram a fêmea, até que não restassem mais rastros dela. Quando ela fora aniquilada, Adão ficou satisfeito.

E Jeová fez com que Adão entrasse em sono profundo e o privou de uma costela; dessa costela, ele criou Eva. E Adão ficou satisfeito; e lhe deu o Nome de "Ishah", ou "Eva"; e conheceu Eva; e ela deitou-se sob ele, pois era um ser inferior, não criada da Terra Verdadeira como Lilith; não das costas de Adão, mas de seus ossos.²⁹



Quando Lilitz deixou o Céu, Jeová chorou novamente; e Suas lágrimas foram como um dilúvio sobre o Éden. Ele chorou por sete dias e sete noites, até que as criaturas do Jardim gritaram pedindo clemência.

Daquele momento em diante, Jeová não mais chorou; exceto uma vez em todos os dias e noites deste mundo.³⁰

Quando Ele ouviu sobre os atos de Lilitz, e de suas visitas aos jardins e vinhedos de Seus irmãos e irmãs, Jeová ficou muito preocupado.

Pois Ele ainda pensava nela como Sua criação e Seu amor. E por isso pediu que Seu mais amado irmão guardasse o Éden. Mas não disse nada a Lúcifer sobre Lilitz, nem sobre o amor que sentia por ela; nem dos poderes que ela possuía; nem dos frutos que havia comido.

Por que o Primogênito tinha medo.

E aconteceu que Lilitz retornou ao Éden, vestida em suas vestes de Noite; e ali novamente encontrou Lúcifer que vigiava o portão com uma espada flamejante em suas mãos.

"Querido, por que estás aqui parado frente às portas do jardim de Jeová?" disse Lilitz. "Tu se transformastes em seu servo e laçao?"

"Não", contestou o Portador da Luz. "Espero Aquela Que Foi Expulsa; pois o Primogênito me disse que sua alma é pequena e escura e está cheia de espíritos malignos; e que não seria capaz de contemplar a minha luz. E por isso estou aqui como um favor a ele a quem amo como a um irmão".

E Lilith foi ferida por suas palavras; pois sabia que Jeová tinha falado dela. Mas também estava orgulhosa por saber que seu Criador sucumbira à falsidade. Como ela era da Terra Verdadeira do Éden, não poderia passar enquanto Lúcifer empunhasse a espada contra ela³¹. Então a Lúcifer, ela disse, "Deita tua espada, meu amado, e deixa-me passar. Pois não sou ela. Contento-me com tua luz, e compartilho dela como se fosse minha."

E o Portador da Luz lembrou-se que Lilith outrora havia prometido não causar dano algum e foi sincera naquela vez. Assim ele acreditou nela. Ainda que estivesse surpreendido com ela, resplandecente com suas vestes de Noite.

"Por que viestes até aqui, minha amada?" disse Lúcifer.

E Lilith respondeu: "Também tenho cultivado um Jardim, e desejo aprender como Jeová faz com que suas Árvores da Vida e do Conhecimento cresçam tão fortes e frutuosas". E ela mostrou-lhe as sementes que havia guardado, e Lúcifer viu o que eram. Então Lúcifer deitou sua espada

para que Lilith pudesse passar pelos portões.

E assim Lilith entrou no Éden. Lançando suas vestes de Noite sobre as árvores, ela então transformou-se numa Grande Serpente, com escamas pontiagudas da cor das plantas ao seu redor; e com grandes asas que surgiram de seu corpo sinuoso, para que pudesse ocultar-se de Jeová. A Serpente era sagaz e silenciosa, e se movia invisível através das profundas plantas do Éden.³²

E ela veio até a Árvore da Vida, e encostou seu ouvido em suas raízes e a perguntou, "Como fazeis para crescer?". E a madeira viva desta árvore lhe disse, "Das sementes que são em número de sete vezes sete." E agradeceu à Árvore; e dela colheu sete frutos, pois cada um continha sete sementes.³³



Então ela aproximou-se da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal; e a perguntou "Como fazeis para crescer?". E a Árvore lhe disse, "Das sementes que são em número de sete vezes sete." E novamente agradeceu à Árvore; e dela também colheu sete de seus frutos.

Mas Lilith não estava só.

Eva havia chegado quando Lilith encontrava-se junto à Árvore do Conhecimento. A terceira mulher veio e se sentou sob essa Árvore. E Lilith viu que era um ser inferior, e se apiedou dela. Em sua compaixão, dirigiu-se a Eva, "Toma o fruto e come dele, para que teus olhos possam se abrir". E Eva fez como havia lhe dito; e tomou aquele fruto; e comeu dele.

Assim os olhos de Eva foram abertos como se estivessem cegados por uma explosão de fogo; e ela caiu como se a tivessem golpeado; e chorou pelas coisas que agora compreendia. E Lilith envolveu Eva para consolá-la; e Eva abraçou a Serpente como a um amante; e conheceram uma à outra sob a sombra da Árvore do Conhecimento.





O som das lágrimas conduziu Adão até o lugar. E a coruja o viu, e advertiu Lilith de sua chegada. E assim a Serpente deixou a mulher com seu homem; e ele se surpreendeu quando a encontrou sorrindo, mas cheia de lágrimas, e ele a perguntou: "Por que choras, minha esposa?"

E sendo a amante de Adão compartilhou o fruto com ele.

Assim foram amaldiçoados o homem, a mulher, o Portador da Luz e a Serpente.

IX: A IRA DO SENHOR DO JARDIM E SUAS SETE MALDIÇÕES

Adão e Eva estavam nus, e sentiram vergonha; e Adão recordou-se de seus pecados, e se remoeu de remorso. Caiu de joelhos frente à mulher e chorou e arrancou a barba; e não disse palavra alguma, mas uivou como um animal. Eva o consolou, e acariciou seus cabelos, pois não compreendia a profundidade de sua tristeza, nem do que se arrependia. Mas o Senhor do Jardim ouviu seu choro, e estava irado e surpreso.³⁵

A ira de Jeová foi como o leão sobre um infante. Seu rugido tombou as árvores; Seus passos sacudiram a Terra Verdadeira, fazendo-a em pedaços; o ranger de Seus dentes fez com que uma terça parte das rochas se quebrassem; Sua saliva era como fogo, e consumiu as flores do Éden.

E a Árvore da Vida murchou com a fúria de Jeová; enquanto o homem, a mulher e Lilith observavam, tornou-se cinzas e foi levada pela fúria do Senhor do Jardim.

Pois assim o Ciclo começaria novamente. O Vinho da Imortalidade foi derramado e a taça quebrou-se nas raízes do Éden. E o mundo começou de novo; o sonho caiu dos céus e foi consumido pela fúria do Senhor do Jardim.

E Ele sempre foi um prisioneiro deste Vinho, e não pôde desfazer aquilo que tinha feito. Ao fechar dos olhos do Ancestral, Ele também sucumbiria. Mesmo Ele, o Senhor do Jardim.³⁶

O Portador da Luz veio correndo. Com um rugido, Jeová fez com que a terra se partisse; e tragasse Lúcifer; e lançasse-o ao ar. Quando caiu, Lilith correu até ele, e o socorreu;

Não mais a Serpente, mas a primeira mulher.

E a espada de Lúcifer se partiu em dois; uma metade caiu aos pés do Portador da Luz e a outra aos pés de Lilith.

A voz de Jeová ressoou nos Céus. "Este é o Julgamento do Primogênito!"

A Adão e Eva, Ele disse, “Por terem comido da Árvore que vos disse para evitar, sereis amaldiçoados.”

À mulher Ele disse, “Tu te ergueste para tomar o fruto do Altíssimo; por isso te inclinarás pelo resto de teus dias. Assim, amaldiçoo-te com dores; assim como tomaste o fruto, teu ventre assim o levará como se fossem pedras; como derramaste as sementes, assim deverás recolher as sementes do homem pelo resto de teus dias; como derramaste o sumo do fruto, assim teu próprio sumo fluirá com cada mudança da lua; como desejaste o fruto do Altíssimo, assim desejarás o do homem por todos os teus dias. O conhecimento do Bem e do Mal descansará em teu interior, mas não o recordarás.”

Ao homem Ele disse: “Tu abdicaste da graça em que foste gerado. Por isso, amaldiçoo-te com o trabalho; como tu subjugaste a primeira companheira que te dei, assim serás subjugado perante minha graça; como tu acasalaste com as bestas do campo, assim serás como elas em sua luxúria; como Moldaste e Nomeaste com teus Dons de nascimento, assim Moldarás e Nomearás pela eternidade; como te ajoelhaste ante a mulher, assim te inclinarás sempre frente a ela, por mais forte que sejas. O conhecimento do Bem e do Mal descansará em teu interior, mas não o recordarás.”

A ambos, Ele disse, “O Vinho da Imortalidade foi derramado. Assim sendo, vós nunca provarão dele. Amaldiçoo-vos a morrer, e voltar ao pó do qual vós fostes feitos.”

A Lúcifer e Lilith, Ele disse, “Por terem desobedecido-Me em Meu Próprio Jardim, e terem induzido Minhas criações ao erro, vós sereis malditos.”

A Lúcifer, Ele disse, “Por teres sido indulgente com a tua tarefa, amaldiçoo-te com cegueira. Por teres um coração aberto, amaldiçoo-te com a cautela. Por teres mostrado compaixão, faço de ti um escravo da ira. A espada estará para sempre em tuas mãos, e teu consolo será como o beijo dos vermes.”

A Lilith Ele disse, “Tu provaste do Vinho da Imortalidade, assim

nunca morrerás, mas perseverarás, até o fechar dos olhos do Ancestral, assim como eu; e tu perecerás neste momento. E por teres desdenhado do Meu amor, não amarás a mais nada, por mais que tenteis. E teu ventre transbordará de filhos, mas não te amarão, nem serão parte de ti; e teus olhos verão à noite, mas cegarão de dia; e tua pele se partirá sob o sol de teu falso amor Lúcifer, e se curará apenas à luz da lua. Tu te tornaste um Ser Luminoso, mas tua luz brilhará somente à noite”.

A ambos, Ele disse: “Sereis os Ceifeiros dos Campos. E vossas lâminas da Terra Verdadeira cortarão as vidas de Adão e Eva, e de todos os seus.”

Finalmente Ele falou a todos. “Por ter-Me permitido que isso acontecesse, amaldiçoo a mim mesmo com ciúme e exílio. De agora em diante, nunca mais caminharei entre vós a não ser secretamente; não terei amor senão somente por esta obrigação; não confiarei, assim como mantereí meus portões para sempre guardados. Pois meu coração esteve uma vez aberto, e por isso devo morrer.”

E o homem e a mulher choraram, pois não tinham lar nem consolo.

E Lúcifer gritou, “Quem és Tu para amaldiçoar-nos assim, irmão? Somos iguais a Ti!”

E Lilith gritou, “Quem és Tu para amaldiçoar-nos assim, irmão? Somos iguais a Ti!”

A Palavra do Senhor foi como o trovão sobre o vento. “Não amaldiçoo-vos. A maldição é vosso próprio feito, pelo qual estamos todos ligados.

“Mas vos dou isto: que o homem e a mulher sejam Um juntos; e a Rainha da Noite e o Senhor do Dia serão Um juntos, mas o Senhor do Jardim será Um Só; e Ele se isolará de sua companhia.”

“E Ele será grande, mas para sempre só.”

Lilith chorou ao ouvir isso; e Lúcifer também. E pediram-Lhe que reconsiderasse, mas isso Ele não faria.

X: JULGAMENTO, AMOR E AFIRMAÇÃO

Ao invés disso, invocou as hostes de ELOHIM, para que fossem testemunhas de Sua maldição. E se reuniram nas ruínas do Éden. [Dionísio] e [Baal] e [Astarte] e [Bel] e [Rá] e [Ptah] e todos os outros Seres Luminosos³⁷ se aproximaram e vieram julgar a legitimidade da proclamação de Jeová.

"O que fizeste, Primogênito?" perguntaram em uníssono. "Como este Jardim tornou-se tão corrompido, tão devastado? O que aconteceu aqui?"

E quando foi explicado, houve grande luta no Céu; e as hostes dos Seres Luminosos discutiram; e suas palavras foram como pedras caindo do céu. Alguns acharam que Jeová deveria ser punido por permitir que Seu Jardim se enfraquecesse tanto; e alguns exigiram pagamento de Lilith, que atizara a mulher a provar o que era proibido; e alguns zombaram de Lúcifer, por nublar a sua luz e conceder sua escuridão a uma estranha; e outros quiseram a morte do homem e da mulher, que todos deveriam sofrer pela mortalidade dos mundos.

Mas Adão se manteve firme para proteger a sua companheira da violência da tormenta; e pôs o seu corpo entre Eva e a terra, o fogo, o ar e a água. Assim Eva foi salva.



As bestas se lançaram contra Adão, como se fossem rasgá-lo em pedaços; mas Eva colocou-se entre Adão e as bestas, e protegeu-o com seu corpo. Assim Adão foi salvo.³⁸

Os ELOHIM ficaram surpresos. "Que não caia nenhum castigo sobre eles", disseram em uníssono os Seres Lumínicos, "pois se salvaram um ao outro". E chamaram esta salvação de Amor, e apontaram alguns entre os seus para que cuidassem deste tesouro por toda a eternidade.

Após isso, disseram em uníssono, "Que as maldições caiam sobre nossos irmãos e irmã, pois sabem o que fizeram."

O Portador da Luz disse, "Eu fiz o que o meu irmão me pediu para fazer; e se me equivoquei, esse erro foi uma sombra do Seu próprio erro. Pois a mulher Lilith é Sua criação, ainda que tenha se tornado por vontade dela. Sendo assim, eu a amo, e não posso negar seus desejos."

E Lilith disse, "Eu vim reclamar o legado de meu amante e Criador; mas Ele expulsou-me e fez de mim uma estranha. Mas Seu irmão deu-me o dom da Noite e do Amor, e não o nego."

E o Primogênito calou-se. Finalmente disse: "EU SOU O QUE SOU". E não disse mais nada.

Com estas palavras, tão poderosas em sua Verdade, o mundo se dividiu em Norte, Sul, Leste e Oeste.

E todos viram que isso era bom.³⁹

XI: O EXÍLIO

Os Seres Luminosos partiram das ruínas do Éden, dizendo: "A justiça foi feita." E foram viver em seus próprios jardins, e cuidaram deles, e cultivaram suas próprias criações, cada um de acordo com seus próprios desejos.⁴⁰

E fizeram com que três dos seus prestassem um serviço, que montassem guarda contra a fúria de Lilith e Lúcifer, e protegessem os filhos de Adão e Eva do poder de seus ceifeiros.

Adão e Eva partiram para a Terra de Nod, apoiando-se um no outro como se fossem uma só carne.

Lilith tomou a mão de Lúcifer. O levou para longe daquele lugar e foi com ele até as terras incultas. Juntos foram às margens do Mar Eterno, e cultivaram ali um novo Jardim. E ali tiveram três filhos e três filhas, mas não morreram, pois eram como um só espírito.

E Jeová declarou-Se Senhor das Ruínas. Pôs um anjo aos portões, para que nada tomasse os frutos do Éden, e transformou-se em um deus vagante. Deste dia em diante, viveu como um solitário entre os ELOHIM.⁴¹

Mas só voltaria a chorar mais uma vez.



O LIVRO DA SERPENTE: NOTAS FINAIS

1: Este começo está ausente na versão hebraica, mas pode ser visto tanto nas edições grega quanto ba'hara.

2: Isto equivale à explicação cabalística para a Criação, em que a Divindade contempla a Si e rompe o Vazio com um clarão de luz.

3: Entre parênteses, anotei os nomes modernos destas deidades, servos e filhos; os nomes mais antigos e mais esotéricos apresentados no texto original seriam ininteligíveis para o leitor médio. Visto que as fontes originais da tradução estão perdidas no tempo, tomei a liberdade de interpretar estas entidades à luz dos símbolos que as representam.

Usei o nome “Jeová” para refletir o deus dos hebreus, ao qual o autor claramente refere-se; o manuscrito grego simplesmente diz *Theos Kanova*, uma distinção incerta dada ao panteísmo dos gregos (mas possivelmente baseada numa má interpretação de “Jeová”). O próprio termo Jeová é uma corruptela de YHVH ou “Yahveh” (“Iaveh”, ou “Javeh”), mas YHVH implica a entidade superior que se manifesta através de vários ELOHIM (muitas vezes designados como anjos). Ainda assim, o texto hebraico mescla ELOHIM com YHVH ELOHIM – ou seja, “Os Deuses” com “O Senhor Deus”. Confusão? Erro de tradução? Ou algum comentário áspero de algum israelita sobre a religião de seu povo? Tais sentimentos não eram desconhecidos em épocas passadas...

Para distinguir as palavras e ações de Jeová do resto dos personagens, mantive a prática cristã de pôr em maiúsculo os pronomes que referem-se a Ele.

4: “ELOHIM” no texto hebraico, implica as distintas manifestações de YHVH.

5: Esta passagem aparece apenas na versão hebraica, e parece referir-se ao “mundo das conchas”, a fonte dos espíritos maléficos e das criaturas invejosas que atacam e tentam as criações dos ELOHIM.

6: Na cabala, os quatro elementos simbolizam a presença dos quatro Mundos Superiores manifestados neste. Terra proporciona Base (“arrumar” – “preparar”) para as outras manifestações; fogo é luz, ou o Mundo da Emanação divina; ar simboliza os princípios espirituais e cósmicos da Criação; água torna-se o fluxo em constante mutação da Formação, criando, nutrindo e destruindo em sua passagem. Em cada jardim, então, os Mundos Superiores se manifestam no mundo mortal, criando a ordem a partir do caos.

7: Os símbolos para a “Terra Verdadeira” remetem aos usados para *Tiferet*, o centro de *Yezirah Sefirot*, ou o Mundo Primordial descrito na teoria cabalística. Falei “remetem”; os personagens não são cópias exatas de nenhum personagem hebraico ou descrição enoquiiana, e devem ser considerados à luz de sua tradução grega: “Terra Verdadeira” como oposto a “Terra Inferior”, ou seja, o pó.

8: Em hebraico, “Adão” corresponde a Adam Kadmon, o estado superior da humanidade e a primeira das quatro manifestações de Deus; “Ish” é simplesmente “homem”. “Lili” por vezes refere-se a demônios, mas podemos assumir que esta correspondência provém de mitos posteriores; “Lilitu” tem origens obscuras, mas o termo vem das invocações Bahari e das “memórias” de Lilith.

9: Diferente de Adão, Eva e seus filhos, que de acordo com o Gênesis “ficaram envergonhados” quando descobriram sua nudez. “Nu” em ambos exemplos pode descrever um estado “aberto”, onde uma pessoa permanece sem cobertura ou abrigo, mas pronto e vulnerável para o que possa ocorrer. A roupa é um escudo; talvez Adão e sua família temessem este estado, ainda que Lilith não o temesse.

10: O que nos mostra, talvez, a imagem de Diana a Caçadora, e implica a Disciplina vampírica do Animalismo. Muitas fontes sustentam que Lilith, e não Jeová, criou estes três animais; ver a canção “Coruja, Cobra e Serpente” no Livro III.

11: Uma postura tântrica, que os budistas tibetanos chamam de “Yab-Yum”, ou “Pai-Mãe”.

12: Muitos eruditos religiosos postulam que Jeová teve uma Matriarca antes de tomar Lilith como consorte. Referências a tais relações são feitas nos Midrashim, ainda que escassas e pouco claras. Estranhamente, esta referência permanece intacta na versão judaica do Fragmento. Pessoalmente, imagino que seja uma referência à Velha mencionada em *O Livro de Nod*.

13: Os eruditos Bahari chamam esta busca de Viagem de Transformação, na qual uma mística ou peregrina deixa seu lar (ou é expulso dele), supera obstáculos e finalmente chega a um Declínio (muitas vezes terra ou água, ambos símbolos do inconsciente), ergue-se, e conhece um mestre (normalmente do sexo oposto). Diz-se que esta busca purifica a iniciada, queimando seu eu interior e preparando-a para os estranhos novos talentos e visões que logo descobrirá.

14: Uma alusão ao vampirismo? Ou simples pragmatismo, dada a carência de água? Os Bahari afirmam que este sangue era a fonte de seu poder e imortalidade, o condutor para o sumo do fruto da Vida.

15: Os primeiros exemplos dos talentos vampíricos de fusão com a terra e

clarividência, talvez? Ou se tratam de símbolos da crescente consciência que a mulher/deusa Lilith começava a adquirir?

16: Novamente, uma metáfora do inconsciente, especialmente do inconsciente feminino. A qual oceano o mito se refere? Quem sabe? Visto que o Éden esta localizado tradicionalmente no Crescente Fértil (e a travessia do Mar Vermelho em outras fontes hebraicas), este “Mar Eterno” é provavelmente o Mediterrâneo. Não obstante, se a teoria de Pangeia de um continente pré-histórico único for correta, este “Mar” poderia ter sido realmente imenso.

17: De acordo com o mito comum, Lilith manteve relações sexuais com monstros marinhos e gerou uma raça de demônios. Este fragmento nos dá uma perspectiva um tanto diferente, e explica sua posterior conexão com o elemento da Água.

18: O âmbar é associado muitas vezes às lágrimas (especialmente as da deusa Freya e Afrodite), e o sol ao ouro. Os últimos dois são normalmente símbolos masculinos, mas também relacionam-se a transformação. Na alquimia, o ouro é o mais alto estado material, e o âmbar muitas vezes corresponde ao ouro fundido ou à luz do sol. O negro está relacionado com a noite, certamente, e talvez com o azeviche, que protege seu portador de venenos. O simbolismo da água é obvio; nota-se que a passagem cita “lua”, não “sol”.

19: O fruto da Vida e do Conhecimento, o amor de Jeová? Pessoalmente eu diria ambos.

20: Em muitos lugares eu utilizei “Seres Luminosos” de acordo com as versões grega e ba'ham; aqui, porém, prefiro usar a palavra hebraica ELOHIM, denotando a divindade das outras “hostes”.

21: Uma importante distinção: os outros ELOHIM, incluindo Jeová, são criaturas de puro Alto Espírito; Lilith seria a primeira a encarnar este Alto Espírito e a matéria em um só corpo, sendo assim uma maravilha, mesmo entre deuses.

22: O fruto das plantas (que ela claramente criava à vontade), ou o fruto de seu ventre? O mito hebraico sugere este último, e esta crônica deixa bem claro o apetite carnal de Lilith.

23: Em todas as cópias, as personificações de Lúcifer são idênticas às empregadas no sentido tradicional, Lúcifer como Portador da Luz, amado de Deus, que rebelou-se, caiu sobre a terra e tornou-se o Satã (“Adversário”).

24: A narrativa hebraica passa para o presente. Talvez o escritor tenha algo mais que um conhecimento acadêmico de Lúcifer...?

25: Em outras palavras, seu violador, Adão. Esta Lilith é mais clemente do

que sua lenda poderia sugerir.

26: Devemos nos perguntar sobre esta referência a roupas, e sobre as motivações de Lúcifer. O Fragmento diz que “ela não se envergonhou” de estar nua. *Ou* estava nua, aos olhos de Lúcifer? Os outros ELOHIM usam roupas, ou Lúcifer está tentando proteger sua amada dos olhos dos demais... e dos dela? Ele está tentando evitar que ela esteja demasiadamente “aberta”, ou está dando-lhe um manto como os que os outros ELOHIM vestem? Visto que esta é a única referência a roupas divinas, prefiro pensar que é um manto iniciático e uma metáfora para a Noite que Lúcifer generosamente entrega à sua amada.

De um ponto de vista literal, podemos questionar o domínio destes “Seres Luminosos”: se Lúcifer tem os poderes da Noite e do Dia, o que os outros ELOHIM concedem a ele? Existem outros deuses e deusas da Noite e do Dia e, se for assim, o que eles pensam da generosidade de Lúcifer? E como ele pôde dar a Noite com tanta facilidade? Uma vez que *estamos* discutindo mitologia, acredito que seja melhor se tomarmos esta passagem num contexto metafórico – o de um governante dando a metade de seus domínios àquela que abate-lhe o coração; o do coração egoísta entregando seus mistérios; e o de uma deusa recém-nascida tomando posse de seus domínios.

27: As “criaturas do mundo das conchas” mencionadas na primeira parte. Talvez Adão já tivesse se familiarizado com elas.

28: Sem um Nome, esta segunda fêmea não seria reconhecida, nem existiria aos olhos dos povos antigos. Ao recusar dar-lhe um Nome, Adão está negando sua existência, e seu direito a uma alma.

29: Segundo todos os padrões, Adão aparece com um direito bastardo neste trecho. “Ishah” é “mulher”; “Eva”, segundo a maioria das teorias deriva de “chavvah”, que por sua vez vem de “chai” – “vida”. O nome familiar, Eva, significa então “Mãe de Todos os Seres Vivos”. Claramente, ela não é *uma* mãe nem *a* mãe neste ponto, mas uma vez que muitos de nós estamos acostumados a “Adão e Eva”, usei os nomes habituais.

Alguns Bahari preferem diluir a referência ao “ser inferior”, vendo-a como um reforço do estereótipo da “mulher inferior”. Outros a enfatizam, identificando-se com Lilith ao invés de Eva. De acordo com estes cultistas de Lilith, as filhas de Eva *são inferiores*, e merecem compreensão e piedade, mas não parentesco. Pelo sangue de Lilith, suas irmãs estão conectadas a ela, acima do estado anterior de “filhas e Eva”.

E sim, acredito que as conotações sexuais de “criada... de seus ossos” foram intencionais.

30: Sendo talvez a segunda vez do Dilúvio Bíblico (que certamente colocaria o evento numa perspectiva completamente nova).

31: As conotações sexuais desta imagem são óbvias. Simbolicamente, podemos assumir que Lilith deve fazer com que o homem “baixe a guarda (virilidade)” para deixá-la passar. Isto pode ser interpretado como uma referência a vigilância (que se encaixa à ideia judaica de Lilith como uma predadora sexual), ou uma súplica para colocar as armas (sexuais) de lado – para evitar a violação implícita em uma “espada de fogo”.

32: Está claro que esta “serpente” não era uma simples cobra. Muitas ilustrações (incluindo o pictograma ba'hara para esta versão da “serpente”) mostram um enorme dragão alado com nove patas. Para enfatizar a distinção, escrevi com maiúsculas “Serpente” onde se aplica o alterego de Lilith.

Em quase todas as culturas antigas, as serpentes estão vinculadas às mulheres e aos princípios femininos – ou, mais diretamente, ao conhecimento e à astúcia femininos. A imagem de Lilith como tentadora e ladra de conhecimentos evoca esta antiga conexão.

(Os eruditos da cultura vampírica podem refletir sobre a expulsão dos Seguidores de Set, aqueles que estão “associados com a Serpente”. Muitas autoridades interpretam isto à luz da figura comum da serpente como Satã. Poderia o pecado de Set ter sido a associação com *Lilith*? Se assim for, os notoriamente falocêntricos Setitas foram enganados – por uma mulher, nada menos. Pode-se imaginar o que eles poderiam fazer com tal revelação...)

33: Um número de importância bíblica, o sete às vezes representa os princípios femininos, ou a unidade da base masculina (3) com a base feminina (4) para formar uma unidade perfeita, mesmo que desequilibrada. Nas disciplinas numerológicas de todo tipo, o sete tem conotações tanto positivas (sete maravilhas, sete céus) como negativas (sete demônios do apocalipse).

34: Atualmente, rabinos e padres pregam contra mulheres não somente por seus vínculos com a queda da humanidade, mas por seus apetites carnis. A imagem de Eva enrolando-se com a serpente forneceram um motivo comum em esculturas babilônicas, hindus, gregas e medievais; vários exemplos podem ser vistos em vários museus de arte, e nas paredes isoladas de velhas igrejas. Muitos mitos identificam a Serpente com o macho Satã, mas algumas fontes rabinas descrevem a serpente como feminina.

35: Esta passagem aparece somente na versão grega, talvez como uma tentativa de humanizar Adão. A variante bahari a exclui completamente, e a versão hebraica menciona o familiar versículo do Gênesis “Quem disse que

estavas nu?”

36: Eis aqui a real fonte da ira de Jeová, e o verdadeiro ganho de Lilith: a morte para todos, inclusive os deuses. As ações de Lilith – e também as de Eva e Adão – desencadearam o fim de uma ilusão. Ao estabelecer um Jardim e ancorá-lo com as Árvores da Vida e do Conhecimento, o Primogênito esperava retardar o fechamento dos olhos do Ser Ancestral, e assim tornar seu mundo imortal. A “corrupção” destas Árvores por criações inferiores arruinou o plano e instaurou a mortalidade. Lilith assim torna-se a destruidora deste mundo e a inimiga jurada de Jeová, seu criador – e, por contraste, uma parte necessária na ordem cósmica que Jeová tinha tentado subverter.

Nota para a Família: A imortalidade é uma mentira. Todas as coisas – incluindo nós mesmos – perecerão. Eis aqui as vangloriosas promessas de nossos anciões!

37: Esta lista tem realmente várias dezenas de linhas. A versão hebraica nomeia vários anjos e demônios maiores; a variação grega (sem surpresa alguma) lista uma série de deidades mesopotâmicas e gregas; a versão ba'hara lista vários dos nomes que aqui invoquei, além de duas ou três dezenas a mais, nenhuma das quais são reconhecidas por leitores modernos (inclusive por mim).

38: A primeira vez que vemos Adão fazer um ato realmente nobre. Talvez este fruto tenha feito algum bem. Simbolicamente, poderíamos interpretar isto como a luta da vontade humana contra os elementos e a divindade.

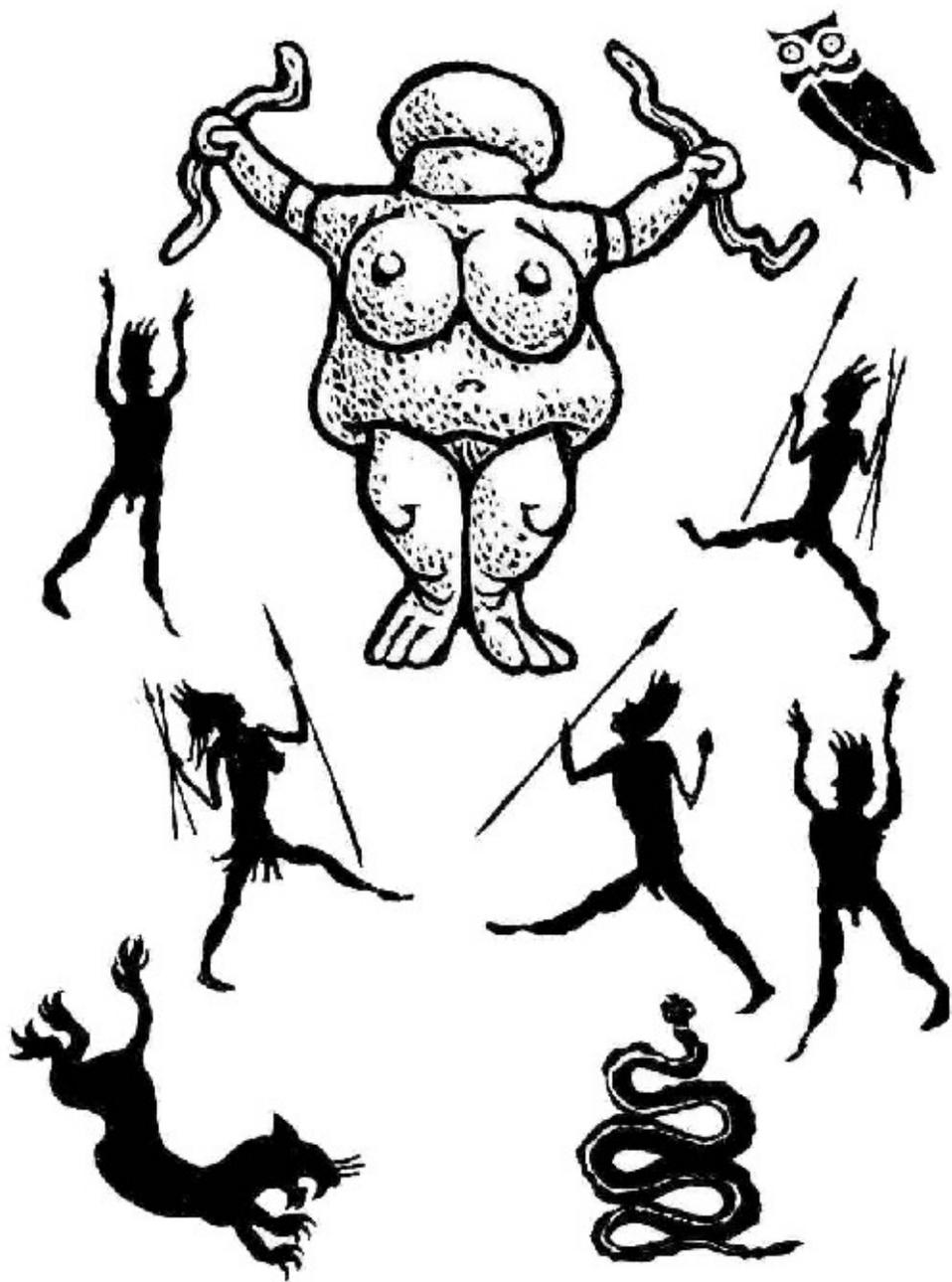
Eva foi bastante audaz, ainda que não muito brilhante. Em um nível simbólico, podemos ver isso como a intervenção da compaixão e do amor como a salvação da carne ao ataque das “bestas” da luxúria e da fúria.

39: Cosmicamente, o equilíbrio foi restabelecido e os Quatro Mundos se restauraram e receberam uma nova forma. “EHYEH ASHER EHYEH” (“EU SOU O QUE SOU”) culmina o Keter, ou Coroa, da Árvore Cabalística, e representa a vontade divina. Em um sentido bíblico, a afirmação de Jeová é toda a definição da qual Ele precisa; isto certamente faz o mundo vir a ser, e a partir daí o equilíbrio.

40: ...e dando lugar a diferentes tribos, nações e criaturas encontradas em diferentes partes do mundo.

41: O que explica o carinho que Jeová sente por nômades, e a resistência de Seus seguidores e suas constantes exigências por supremacia.





Imagens de caverna. Poço de Ishtar, Turquia; cerca de 15.000 a.C.

SEGUNDO CÍRCULO: O LIVRO DA CORUJA



*eu perdi minha fé
em silêncio*

— Patricia de la Forge, “Grin”

O JARDIM DA MEIA NOITE

NOTAS DA EDITORA

Esta “declaração em primeira mão” vem de duas fontes diretas: as recitações de uma sacerdotisa Bahari, e o pergaminho grego que descobri na coleção de um antiquário. Este erudito, um hindu bastante refinado (embora corpulento) chamado Jureem, implorou a mim por vários segredos dos clãs como um favor por sua ajuda. (Suspeito que o arconte gostaria de ter uma conversa comigo sobre isso!) Em troca, ele me deu o pergaminho, um assistente e um lugar para estudar. Por dezessete noites a fio, me aprofundei nas notas; meu ajudante parecia incansável, e trabalhou durante o dia também. As traduções que deciframos têm uma leve semelhança com o cântico que testemunhei na cerimônia Bahari; como sempre, juntei os dois em um único relato.

Acredito que este testamento fragmentado seja uma versão do infame “Ciclo de Lilith”. Ele toca em muitos dos pontos importantes do mito de Caim/Lilith, mas aborda-os da perspectiva da Rainha Sombria. Da mesma forma, ele oferece uma sugestão para as disputas entre muitos Membros e os Bahari; se tomado simbolicamente (como uma história de culturas guerreiras patriarcais que sobrepujaram as culturas místicas matriarcais que as criaram) ou literalmente (como a traição de um semideus por outro), a conclusão genocida de “O Jardim da Meia Noite” certamente abriu caminho por milênios de inimizade.

I: A PRIMEIRA PAZ

Nas Terras Amorfas eu criei um jardim para mim,
Unindo mundos e palavras e sangue em um espinheiro.

Com o carinho de uma mãe eu dei à luz
um mar de raízes emaranhadas
e frescas,

De flores com botões de
sangue e caules de carvão.

E ele brilhou como eu brilhei
Sob a Lua.

Ahi hay Lilitu

Eu criei um jardim a partir do
nada

E frutos do solo estéril.

Em meu manto de noite

O varri e o aquei com sangue.

Ahi hay Lilitu

Eu criei um jardim a partir do nada
E frutos do solo estéril.



II: OS DIAS ANTERIORES

Pelas Terras Amorfas eu vaguei

Nos dias anteriores ao jardim,

Exilada das terras do Todo Poderoso

E jogada nas ruínas hostis.

Meu sangue chegou doce aos meus lábios

Nos dias anteriores ao jardim,

E eu chorei pelo lar que tinha deixado para trás

Com olhos secos como areia.

E o sol me queimou.

E o vento me rasgou.

E as pedras cortaram minha carne.

E a água me negou

Salvo aquela que extraí de mim mesma.

Tão amaldiçoada, vazia e desolada estava esta

Terra

Nos dias anteriores ao jardim,

Que nenhuma fera poderia estar comigo,

Nem Coruja, nem Gato, nem Serpente.¹

Minha voz estava perdida em meio ao
vazio.

Ahi hay Lilitu

Minha voz estava perdida em meio ao nada.

Ainda assim o jardim cresceu dentro de mim

Ventre maduro

Com sementes do fruto roubado

E seu prolongado gosto amargo.



Pois não há frutas tão doces
Quanto aquelas que ardem.
Ahi hay Lilitu
Minha dor fez de mim uma montanha.
Queimou-me até que virasse cinzas
E das cinzas eu ascendi.
Ahi hay Lilitu
Minha dor fez de mim uma montanha,
Mas como um verme eu me escondi na areia
E caminhei à noite,
Pois os dias eram claros demais para suportar
Sem gritar profanações ao Todo Poderoso²
Que me jogou ao amorfo.
Nas terras devastadas, eu tomei forma.
Ahi hay Lilitu
Eu me encontrei nas terras devastadas
Onde minha visão se expandiu,
E minha mente se estendeu,
E minha carne se tornou água,
E meus ossos se tornaram pedra,
E meus pés aceleraram seus passos,
E minha sombra tornou-se fraca e se escondeu do sol³
Até que a noite fresca viesse
Quando minhas dores sumiriam
Deixando-me mais sábia com suas lições.
Meu sofrimento me fez livre.

III: O OCEANO E TODAS SUAS CRIATURAS⁴

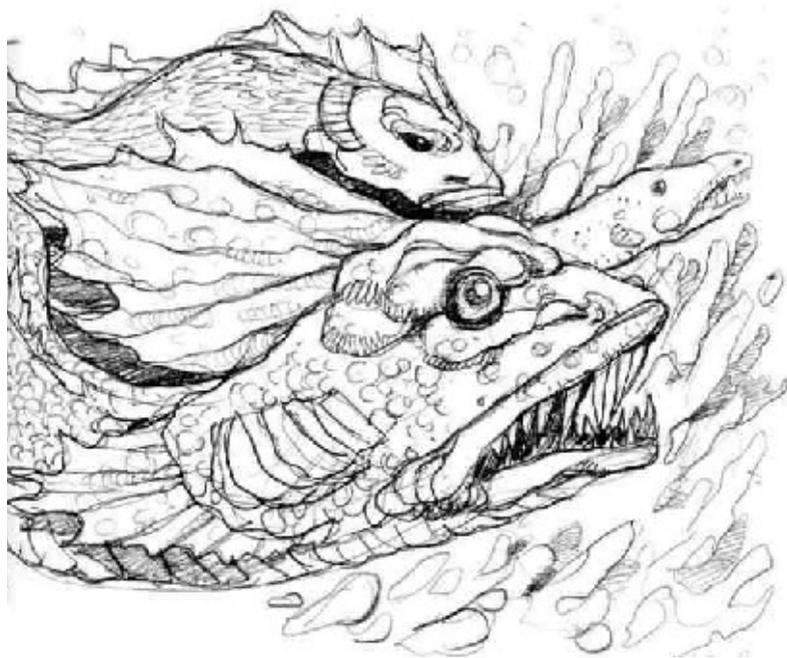
Quando alcancei as margens do Mar Eterno
Joguei-me nas profundezas e afundei para sempre.
Esqueci-me de respirar, e logo não precisei mais.
Minha pele, uma vez morena, então negra, voltou
Sobre si mesma e fugiu silenciosamente

Quando vomitei as crias do Todo Poderoso⁵
No redemoinho do abismo
Onde elas se tornaram a miríade de criaturas do mar.



Uivei de dor nas águas
Pois minha fome era uma besta interior
E meu ventre estava pleno com a cria
Do Ser Luminoso cuja semente
Gerou o Jardim onde eu nasci.
Não pude conter Sua prole,
Então mandei-a ao Mar Eterno para que encontrasse um lar.
Ahi hay Lilitu
Mandei-a às profundezas sozinha.
Logo minha descendência acalmou minha fome
Por comida, por beleza, por companhia de muitos tipos.
Minha fome era eterna.

Minha fome é eterna,
E eu devorei a mim mesma
Para me manter.
Na minha estada eterna, dei à luz novas raças
Que por sua vez devoraram as velhas.
E assim o Mar Eterno estava cheio.
Ahi hay Lilitu
Enchi o Mar Eterno,
Gritando minhas dores de parto ao vazio.



IV: RETORNO AO ÉDEN

Na hora certa, cansei-me do mar
E retornei às Terras Amorfás.
Desejei criar um jardim como aquele que havia sido
Meu lar,
Mas o mar estava cheio com os jardins de outro,⁶
E ainda que pudesse aguardar por um instante,
Aquele domínio não era meu para reclamá-lo.
Então eu voltei através das Terras Amorfás,
Caminhando pelo Éden.
Ahi hay Lilitu
Eu caminhei pelas areias do Éden.
Observando de longe os olhos da coruja⁷
Espiei o Grande Lúcifer,
Resplandecente portador do Sol e das Estrelas,
Permanecendo ao limiar com uma lâmina.
Ahi hay Lilitu
Ele permaneceu com uma lâmina em suas mãos.



V: LILITH E LÚCIFER

Ó cavaleiro com asas de serafim

Vestido em preto como o céu que você me deu

Coração como a estrela pela qual você é nomeado

Olhos como as ondas ao pôr do sol

Chama-me através das trevas

Derrame seu sangue para alimentar minha sede
e tome-me

Como oferta à sua fome.

Ahi hay Lucifii

Persiga-me pelas terras amorfas e deixemo-nos cair

Rindo no abismo dos deuses

Onde poderemos fazer nosso próprio jardim

E povoá-lo com deidades,

Espinhos e videiras e palmeiras guardiãs.

Ó Anjo do Amanhecer,

Deixemos aguá-lo com prata e bebamos

De seu prêmio, enquanto os frutos do

Meu amor por você desabroche

Em estranhas e selvagens flores.

Ó Lúçifer, tão quieto, deixe sua lâmina

Cair na areia e ser enterrada

Como um osso atirado à vaidade

Do Todo Poderoso.

Deixe suas asas me envolverem.

Esteja em paz.

Ahi hay Lucifii

Esteja em paz.

VI: A VINDA DE CAIM⁸

Enquanto meu amor carregava o sol
Encontrei um homem arruinado
Um lavrador sem plantações para cuidar
Um pai sem filhos, uma cria sem senhores,
E eu estava maravilhada, pois ele não carregava sinais de divindade
Porém vagava no pó como uma fera inferior.
Ele carregava as marcas de Adão
Ele carregava a palidez de Eva
Ele carregava as cicatrizes do Todo Poderoso⁹
E ele chorava, pois tudo isso ele havia perdido.
Ahi hay Lilith
Tudo isso ele havia perdido.
Eu o chamei e ele respondeu
Com uma voz de galho quebrado.
"Eu sou Lilith", eu disse;
"Eu sou Caim", disse ele,
E tive piedade dele
Ainda que o odiasse



Pois ele tinha o cheiro de Adão,
O toque de Eva

E os olhos assombrados do Todo Poderoso.
Como Ele, Caím carregava uma mancha espiral
No ar em torno de si uma marca
De um poder desconhecido e sombrio.
Assassinato, ele possuía,

O poder de matar seres superiores
Não de caçar como Adão tinha,
Mas de matar como Jeová.¹⁰

Ahi hay Lilitu
Caím possuía a marca da morte.
Então eu o trouxe ao meu
jardim e o ensinei.
Ahi hay Lilitu
Eu o ensinei lições de dor.
Sozinho ele estava, na
escuridão.
Embora banhado em luz, ele
caminhava nas sombras¹¹
E escondia seus braços do frio.

Eu o tomei
Com palavras de auxílio.
Com palavras de cessação.





Meu olhos perfuraram as trevas de seu sofrimento
Minha voz acalmou o frio dentro de seus ossos
E eu o segurei como a uma criança
Como se ele fosse filho de meu prometido e meu.
Eu chorei com ele, pois ele era como meu próprio filho
Ahi hay Lilitu
Como meu filho com outro.
"Eu conheço você, Caím de Nod", eu disse a ele,
"Venha! Dispa-se de suas vestes tão esfarrapadas e manchadas de sangue;
"Entre em meu jardim como uma criança, pois uma criança você é
"Filho de meu prometido, abatido pelo meu primeiro amante.
"Você não tem segredos aqui,
"Você não tem pecados aqui,
"Então entre nu em meu lar.¹²
"Como você está agora, uma vez eu estive."
E ele me seguiu, nu
No jardim de Lilith e Lúcifer
Aos meu pés Caím de Nod se ajoelhou,
Como se ajoelhou à fúria do Todo Poderoso.
Seus olhos não podiam olhar para mim,
Sua voz estava arruinada e vazia,

E eu fiquei enraivecida desse vergonhoso estado,

Como ele se acovardou diante do seu
julgamento como uma coisa inferior.

Por ele eu fiz de meu jardim um lugar de
horror,

Traíndo-o como ele traiu sua carne.¹³

Eu dei meu sangue e o untei com ele,

Para que pudesse tornar-se uma
abominação em minha residência.

E os céus sobre meu jardim escureceram,

E o ar estava denso com assobio da
Serpente, grito da Coruja, ruído do
Gato.

"Vá, Caím de Nod, pois este é o
jardim que você semeou

"E seus frutos você deve colher."

Ele tropeçou nas profundezas do
jardim

E eu o segui,
Rindo, chicoteando-o com galhos em
chamas.

Por um dia e uma noite eu o ensinei

Ensinei-o os segredos do jardim.

Enquanto meus espinhos o rasgaram,

Então sua carne se tornou uma rede de
cicatrizes.



Enquanto minhas videiras buscavam capturá-lo
Seus membros se tornavam mais rápidos.

Caím de Nod aprendeu a se esconder das dores do
jardim,

A conhecer minha aproximação como um
animal selvagem conhece seu caçador.

Sobre a Serpente, a Coruja e o Gato ele
aprendeu o domínio.

E, enquanto tornava-se forte em agonia,

Orgulho brilhava em seus olhos

E as chamas dos meus galhos ardiam em
seu coração.¹⁴

Um dia, ele não fugiu mais,

Mas ficou e deixou seu sangue fluir,

Cultivando meu jardim.

E, ungiendo a si mesmo com seu sangue

Assim como eu o ungi com o meu,

Ele caiu em um transe

Do qual eu não o acordaria.

Eu o deixei lá, retornando para minha

Casa.¹⁵

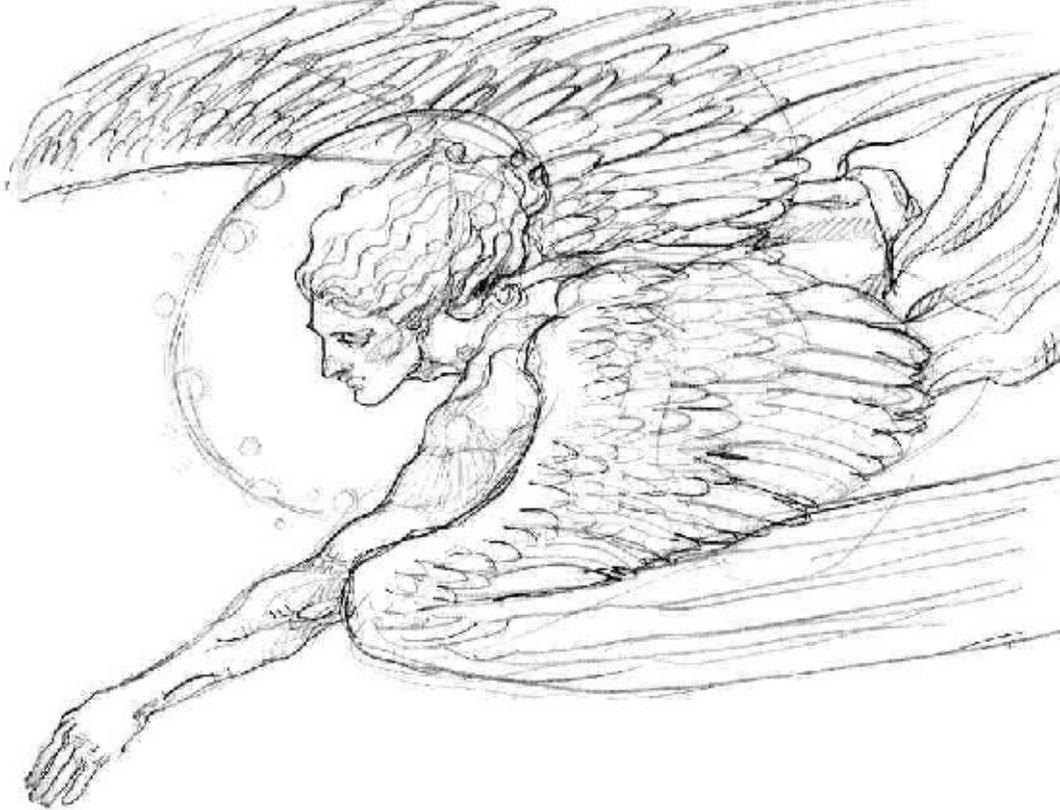
Pois eu não tinha o que tratar com as
vindouras

Hostes.



Então veio a ele Miguel,¹⁶
Guardião flamejante da Chama,
Trazendo notícias de piedade do Todo Poderoso.
E Caím, orgulhoso Caím,
Filho de Adão,
Fortalecido pelo meu jardim,
Declarou que ele sozinho poderia conceder piedade a si mesmo.
Então Miguel visitou a Maldição do Fogo sobre Caím de Nod.
E eu sorri, pois isso me agradou.
Então veio a ele Rafael,
Guardião tremeluzente do Amanhecer,
Trazendo notícias de perdão do Todo Poderoso.
E Caím, orgulhoso Caím,
Filho de Adão,
Fortalecido pelo meu jardim,
Declarou que ele sozinho julgará suas ações.
Então Rafael visitou a Maldição do Amanhecer sobre
Caím de Nod,
E eu sorri, pois isso me agradou.
Então veio a ele Uriel,
Guardião encoberto da Profundidade,
Trazendo notícias de cessação do Todo Poderoso.
E Caím, orgulhoso Caím,
Filho de Adão,
Fortalecido pelo meu jardim,
Declarou que ele e todos seus futuros filhos





Só descansariam quando ele achasse adequado.¹⁷
Então Uriel visitou a Maldição das Cinzas sobre Caím de Nod.
Mais uma vez, enquanto Caím se escondia nas trevas,
Eu vim a ele.
"Certamente", eu disse,
"Você cuidou bem do meu jardim, como um lavrador cuidaria."
E, entendendo, ele me amaldiçoou
Com cinzas, com amargura e com esterilidade,
Ahi hay Lilitu
Com estas coisas ele me amaldiçoou
Enquanto ele desapareceu na noite.

VII: AS CRIANÇAS

Nos dias seguintes, nós cuidamos da nossa terra

E a aguamos com amor.

No tempo certo, os frutos de D'hainu

Elevaram-se como pequenas montanhas no ventre do mundo.

O trabalho foi árduo, mas meu amor estava ao meu lado.

A Coruja observou dos céus,

O Gato rondou como uma sombra,

A Serpente se aninhou sob meus seios,

Lúcifer segurou minhas mãos com as dele

E eu cedi o néctar de alegria e tristeza.

Três meninos são eles, e eles são como hissopo.

Três meninas são elas, e elas são como romã.¹⁸

Benditos sejam, os frutos do meu ventre!

Pois eles brilham como a lua alta e como o sol do meio dia.

E os filhos eu os nomeio Kessep e Shotheq e Neshet

E as filhas eu as nomeio Mem e Oreb e Laylah.¹⁹

Benditos sejam meus filhos!

Benditas sejam minhas filhas!

Pois eles deram consolo ao sol

E eles deram conforto à lua.

Ahi hay Lilitu

Ahi hay Lucifii

Pois eles deram à luz D'hainu,

O Jardim da Renovação,

E o povoaram com estrelas.





VIII: A VIOLAÇÃO DE D'HAINU

Em alegria e tristeza, nosso jardim cresceu
Até que atingiu os limites do Mar Eterno.
A Coruja estava fértil
O Gato estava fértil
A Serpente estava fértil
E nossos filhos eram como luzes no céu.
Embora uma sombra do Éden, D'hainu rivalizou com o Éden
Cujas árvores altas e águas correntes por muito tempo foram pó.
Até o retorno de Caím
E seus malditos filhos
Nosso jardim cresceu



E estávamos todos apaixonados.
Num dia negro como cinzas, o assassino voltou
Quando Lúcifer carregou o céu com tempestades.²⁰
As mãos de Caím carregavam as pedras do ódio e a lâmina da vingança.
Seus filhos seguiam numa nuvem atrás dele.
Como chacais, eles caíram sobre os filhos de D'hainu.
Como lobos, eles se alimentaram da carne.
Como besouros, eles levaram embora os frutos do jardim
E queimaram D'hainu até que só restassem brasas.
Di halla Lilitu²¹
D'hainu não existe mais.

IX: A MALDIÇÃO SOBRE CAIM E SUA PROLE²²

Ahi hay Lilitu

Maldita seja a Casa de Caím!

Ahi hay Lilitu

Que sejam consumidos!

Que o sal esteja sobre as línguas de Brujah, Tzimisce e Setitas²³

Que massacraram as crianças de Lilith e Lúcifer!

Que as lamentações estejam sobre as línguas de Ventrue, Lasombra e Malkavianos

Que queimaram as árvores e envenenaram os rios!

Que as brasas estejam sobre as línguas de Ravnos e Capadócius, Salubri²⁴ e Gangrel

Que como bestas devoraram a carne de nossos filhos!

Que larvas estejam sobre as línguas de Assamitas,

Os mais malditos de todos,

Que levaram embora os segredos de D'hainu

E os esconderam fundo na terra.²⁵

E maldito seja o seu pai

Seu três vezes maldito pai

Todo o sofrimento esteja sobre o Pai da Noite

Pois ele é a chama nos campos de D'hainu!

Que a podridão devore o lombo de Caím,

Cujas mãos brutas sobrepujaram a Mãe de D'hainu,

Profanando-a com seu hálito e seu toque e sua semente.

Que a imundície cubra os olhos de Caím,

Cuja semente queima como fogo dentro da Mãe de D'hainu,

Poluindo seu ventre e rasgando seu coração.

Que os dentes caíam da boca de Caím,

Cujos filhos destruíram as flores de D'hainu

Até que toda a Criação chore ao som e à vista!



Somente Nosferatu e Toreador devem ser poupados

Pois eles cobriram os rostos

Dos mortos.

Com pena, eles molharam os lábios das crianças e

Deram consolo à mãe dos mortos.

Todos os outros devem ser consumidos pelo fogo

E entortados como árvores na tempestade

E quebrados como argila

E pisoteados como estrume

E levados pelas águas como pó!

Ahí hay Lilitu

Como pó, eles devem ser varridos!

X: CINZAS

Caim riu quando deixou meu jardim naquele dia;
Sua descendência maldita sorriu pelo que haviam feito.
Para sua cidade de muros e escravidão, eles fugiram,²⁰
Deixando-nos a chorar nas ruínas que eles deixaram.
E eu amaldiçoei a todos
Com cinzas, com amargura e com esterilidade,
Ahi hay Lilitu
Com estas coisas eu os amaldiçoei.
Meu amor, meu Ser Luminoso,
Golpeou-lhes com a lâmina do dia.
Ahi hay Lucifii
Com a luz do sol ele os amaldiçoou.
Minha mão golpeou os Cainitas
Com a agonia da noite.



Juntos, nós golpeamos os Cainitas
Com o ódio de seus filhos
Que ele possa fazer inimigos contra si.
E ele fez.
E nós fizemos.
Meu amor me deixou
Sob as asas da meia noite.
Nossa ligação está quebrada
E tudo é cinzas agora.
Ahi hay Lilitu
Tudo é cinzas agora.

O RITO DE CAIM

NOTAS DA EDITORA

Meus companheiros (referidos na seção “notas” anteriormente neste livro) executaram este rito comigo sob o peso da lua cheia há alguns anos. O velho me deu esta transcrição, que tentei manter intacta. De toda minha pesquisa, este é o único ritual Bahari escrito com o qual cruzei.

Este Rito envolveu meus amigos, um punhado de seus companheiros, e treze prisioneiros, cada um drogado, hipnotizado e conduzido telepaticamente por seus próprios pés por um vampiro cujo nome nunca ouvi falar. Os prisioneiros representavam os filhos de Caim, e interpretaram seus papéis com gosto; não obstante, eles pareciam perturbados quando as crianças “mortas” de Lilith – interpretadas por Bahari vampíricos – retornaram à vida, os rasgaram, esquartejaram e consagraram a cerimônia com seus fluídos vitais.

Como o costume manda, o Rito de Caim do qual participei foi realizado sem vestimentas em pleno inverno, num jardim de rosas, videiras, heras e pedras sagradas. Várias das plantas que vi lá eram mistérios para mim, mas então não sou botânica. Um vento frio açoitou os participantes (inclusive a mim) em um entorpecimento enquanto o Rito era realizado. Eu acredito que o vento congelante supostamente representa o frio espiritual do genocídio de Caim, a mágoa de Lilith e Lúcifer, e a aridez que seguiu a separação. O frio despedaçante também ajudou a enfatizar a lição de dor; mesmo os mortos vivos entre nós sentiram seu ferrão. Os efeitos daquele frio nos participantes mortais podem apenas ser imaginados.

O RITO DE CAIM

PARTE UM: O RITO DA MORTE

Este rito originou-se com o primeiro dos de Sangue Bahari, e é realizado e testemunhado quase que exclusivamente por seus pares. No entanto, existem algumas almas mortais que por várias razões (na maioria das vezes, curiosidade) escolhem participar desta cerimônia anual. Ele não é para suscetíveis, nem para os de coração fraco. Em seu ponto alto, o ritual trata de sacrifício, dor e retribuição – um reflexo apropriado de nossa Mãe.

A primeira parte deste ritual é melhor descrita que transcrita. Os participantes reúnem-se nus no rigor do inverno dentro do ponto de encontro. Normalmente, o caminho é repleto de espinhos, sarças e arbustos. Muitos participantes lançam-se nos mais terríveis rosnados, doando euforicamente sua carne como se pudessem arrancá-la. Assim, cada um é coberto com seu próprio sangue, sua carne cantando com a dor enquanto alcançam a clareira.

Em uma ponta da expansão há uma enorme fogueira, ardendo. Diretamente oposto a isto fica um poço d'água, muitas vezes congelado com uma fina camada ou preenchido com fragmentos de gelo. Uma vez que os observadores estejam a postos, os celebrantes – a sacerdotisa e o sacerdote, se você preferir – chegam, cada um trazendo um flagelo. Após uma rápida troca de abraços e beijos, os dois começam, lentamente, a excitar um ao outro com beijos e carícias dos tipos mais íntimos. Quando a paixão começa a crescer, ambos celebrantes começam a utilizar arbustos e flores espinhosas em sua dança de acasalamento. Logo depois disso, os flagelos também são utilizados. Quando os celebrantes estão banhados em suor e sangue, trocam um beijo. A sacerdotisa então mergulha nas águas congelantes do poço (significando a descida da nossa Mãe ao Mar Eterno) e o sacerdote passa completamente pelas chamas da fogueira (representando a luz de Lúcifer e o fogo da iniciação). Dizem que quando os dois celebrantes se submetem a estas torturas, a dor transporta suas almas pelo éter, permitindo que o Portador da Luz e Lilith se manifestem em seus ansiosos corpos. Tendo testemunhado este Rito pelos últimos cinco anos, posso atestar o fato de que ambas as partes foram de alguma forma transformadas.

Com encantos que só posso replicar de modo vago, os celebrantes ensanguentados invocam fantasmas e espíritos, assim:

Sacerdotisa: *Nachash el marhim arik no kofelo. Shelach no komair neshia aparm! Bahari latwaa – Bahari latwaa. Baruk hamaat, baruk hamaat! Artri Lilhitu!*

Sacerdote: *Lammanas! Lammanas! Kol fetu hattabus! Nachash no goash aral to ari. Yin soquaa ahni anaka. Lakhil alhil kataab. Yin soquaa ali. Artri Lilhitu!*

Em meio a um grande clamor e um clima hostil, os espíritos se manifestam. Enquanto o Ritual acontece, esses fantasmas assistem com uma sombria determinação, então entram na celebração depois de um sinal de consentimento.

Depois de tudo preparado, o ritual pode começar de verdade. A sacerdotisa invoca os Filhos. Na clareira aproximam-se os seis do Sangue (ou seja, Lhaka), cada um deles belo, reluzente e inocente à luz da lua. Depois os prisioneiros são trazidos – treze ao todo, cada um representando um dos clãs Cainitas e trajando máscaras estilizadas que personificam seus respectivos papéis. Estes infelizes muitas vezes são mendigos, prisioneiros vampiros, ou outros inimigos do Sangue. Fascinados e enfeitiçados por um mestre invisível, estes substitutos movem-se na arena e permanecem à distância, aguardando suas próximas instruções.

Há uma breve troca de diálogo que flui assim:

Uma voz sem rosto, aparentemente uma manifestação simbólica de Caim, diz: *Quem são vocês que permanecem aqui no Jardim de Lilith?*

Os **Filhos** respondem: *Nós somos os Filhos de Lilith, que provamos do sangue de seu coração e comemos dos frutos sagrados.*



Caim: *Contemplem os Filhos daquela que nos privou do alimento!*
Filhos: *Você mente! Ela passou fome, não você!*
Caim: *Contemplem os Filhos daquela que nos negou!*
Filhos: *Você mente! Ela não lhe negou nada!*
Caim: *Contemplem os Filhos daquela que nos amaldiçoou!*
Filhos: *Você mente! A maldição é culpa sua!*
Caim: *Venham a mim, meus filhos! Destruamos este jardim e corrompamos a linhagem da Mãe Sombria!*

Neste ponto, onze dos prisioneiros são levados a um frenesi selvagem e se lançam sobre os belos Filhos diante de si. Os outros dois, representando Toreador e Nosferatu, dão as costas à violência e não tomam parte. O massacre que se sucede é poético e horrível ao mesmo tempo. Comandados pelo mestre invisível, os substitutos Cainitas saltam sobre as presas como cães, rasgando as partes macias, então trabalhando com unhas e dentes. As sarças do jardim muitas vezes são empregadas, assim como as várias pedras e galhos deixados por lá para este fim. Os fantasmas na margem do círculo assistem famintos enquanto o sangue espirra. Com sua força aumentada pelo ventríloquo, os substitutos esquartejam os Filhos, saciando-se com o sangue e as entranhas, erguendo tochas do fogo e incendiando os arbustos ao redor.

Enquanto isso, Toreador e Nosferatu vão solenemente ao círculo três vezes, mergulham seus dedos no poço, então molham os lábios dos Filhos como se para dar-lhes um gole final. Após isso, os dois tiram véus de trás de suas máscaras e jogam-nas nos rostos dos mortos. Feito isso, os assassinos – pois isso é o que os outros substitutos se tornaram – levam os corpos despedaçados até as chamas.

Neste momento, a sacerdotisa ergue sua mão. Todo movimento cessa. O sacerdote também ergue sua mão. Juntos eles entoam o seguinte canto:

Sacerdotisa: *O sangue de meus Filhos clama por mim em dor! O sangue de meus Filhos clama por mim na morte! O sangue de meus Filhos clama por mim por vingança! Desapareça, Prole de Caim! Sua danação eu declaro!*

Sacerdote: *Repugnante Prole de Caim! Montes de fezes e pó! Vocês ousam se levantar contra as minhas belas crianças? Vocês ousam violar o meu Jardim da Renovação? Vocês ousam ferir o coração de minha amada? Então banqueteiem-se com minha ira, e banqueteiem-se bem! Pois como vocês possuem seu coração, assim eu terei os seus!*

Sacerdotisa: *Levantem-se, meus Filhos! Deixem seu sangue vital fluir nesses espinhos e espinheiros! Deixem seu sangue despertar essas videiras sufocadas! Levantem-se meus filhos e vinguem-se! Dispersem a carne deles até os confins da terra.*

PARTE DOIS: O RITO DA VINGANÇA

Uma vez que as palavras são ditas pela sacerdotisa, percursionistas à margem do círculo começam a tocar. Os Filhos desmembrados levantam-se. Conforme fazem isso, suas feridas se curam e eles tornam-se inteiros novamente. Então, em um instante, todo o controle sobre os prisioneiros é retirado. Eles logo percebem sua situação e tentam fugir. É então que os espíritos ao redor do círculo são liberados.

Toreador e Nosferatu têm permissão para fugir. Sem dúvida, esses prisioneiros levarão consigo histórias selvagens se sobreviverem ao caminho rumo à civilização. Os onze assassinos são agarrados pelas videiras, pelos arbustos e pelas árvores que cercam o círculo, ou são carregados pelos próprios Filhos. Seus destinos desse ponto em diante são totalmente apavorantes.

Os pormenores do Rito variam. Em todos os casos, os substitutos encontram mortes dolorosas e horríveis. Seus corpos são rasgados em pedaços. Seu sangue é usado para fertilizar as plantas. Seus lamentos se tornam um coro, muitas vezes aumentando e diminuindo com o ritmo dos tambores. De suas posições privilegiadas, a sacerdotisa e o sacerdote se certificam de que os substitutos pereçam lentamente.

Conforme o sangue jorra, os percursionistas alcançam um frenesi. Os fantasmas e espíritos possuem os participantes do Rito. Quaisquer grupos que tenham permanecido afastados até este ponto agora se juntam aos outros. Muitos copulam loucamente no círculo, aquecendo seus membros gélidos com sangue fresco e calor corporal. Os celebrantes lideram o desvario, tomando quantos parceiros puderem alcançar. Conforme os percursionistas se cansam e os prisioneiros morrem, o frenesi diminui de intensidade, então desaparece em silêncio. Quando o último substituto morre, a música para.



Um a um, a sacerdotisa e o sacerdote vão a cada substituto. Quando alcançam cada um, arrancam o coração e o baço, comem e depositam a máscara no fogo. Quando todos os clãs são direcionados, eles falam em uníssono:

Sacerdote e Sacerdotisa: *Esta é a justiça de Lilith e Lúcifer! Este é o destino dos filhos de Caim!*

Sacerdotisa: *Caim, Filho de Eva e prole de Adão o Profanador, tu hás de colher sete vezes as ervas amargas da minha vingança!*

Sacerdote: *Caim, Filho de Eva e prole do Primeiro Homem, tu hás de queimar no prazer do sol!*

Ambos: *Para sempre estaremos contra ti e os teus! Seus Filhos hão de se levantar uns contra os outros, e hão de fazer contigo muito pior do que fizeste conosco. Para sempre há de ser o fruto dos jardins negado a ti, e tu hás de vagar eternamente pela terra em desgraça. Esta é a Maldição da Mãe.*

Todos respondem: *Assim foi dito! Assim foi feito! Bahari leitee Lilitu! Bahari leitee Lilitu! Bahari leitee Lilitu! Assim está feito!*

A sacerdotisa rompe o círculo e dispensa os espíritos da seguinte maneira:

Sacerdotisa: *Sigam adiante com o vento para atormentar os filhos de Caim. Eu os liberto de sua convocação e desejo-lhes boa caça e adeus. Eu os agradeço. Vão em paz. Artri Lilhitu. Artri Lilhitu.*

O sacerdote toca a face da sacerdotisa, então se volta, afasta-se dela, passa pelo fogo novamente e desaparece nas sombras. Os Filhos saem do círculo e recuam para as árvores. Os espíritos desaparecem. As fogueiras são apagadas e clareira escurece.

A sacerdotisa cai de joelhos, verte lágrimas e recolhe as cinzas das máscaras, então as espalha por entre os arbustos. Quando esta tarefa está acabada, ela caminha lentamente até o poço, ajoelha-se na margem e submerge nele.

Quando ela afunda sob o gelo, o Rito está terminado. Todos os grupos partem.

O LAMENTO POR LÚCIFER

NOTA DA EDITORA

Eu ouvi este canto assombrado executado por uma sacerdotisa Bahari de convicção mortal. Não tenho ideia de quão antigo é, nem qual possa ser sua fonte. Ela pronunciou as palavras como a oração de um amante, acariciando cada sílaba com gélida paixão. Sem querer perder uma palavra, eu fechei os olhos e deixei o canto gravar imagens em minha mente. Quando a oração acabou e o círculo foi rompido, poupei meus anfitriões dos ultrajes das investigações Tzimisce, e então enterrei seus corpos no jardim que eles consideravam tão sagrados. Por apoio, confiei em minhas próprias lágrimas. O jardim, eu aguei com sua vitae. Pareceu-me sacrilégio fazer de outro jeito.

O LAMENTO POR LÚCIFER

Fecho meus olhos para a luz do sol
Minha Estrela da Manhã, minha tempestade.
Dobre suas asas com graça e afaste-se de mim.
Saboreie minhas bênçãos enquanto vai.
Nós não nos deitaremos como um novamente.
Pois meu ventre é um jardim de podridão.
Meu coração é cinzas.
Minhas lágrimas são sangue.
Boa caçada, meu alento, e leve consigo
Os ossos de nossos filhos, envoltos em folhas de palmeiras.
Espalhe-os pelo horizonte e tranquilize seu pranto.
Hei de cuidar de um túmulo de água profunda
Hei de varrer nossos inimigos.
Fique bem, meu vento do deserto,
Empunhe alto sua lâmina e unte-a com lágrimas.
Hei de ser a coruja no vento noturno,
O gato com patas silenciosas



E a serpente nos
calcanhares de Caim.
Hei de ser a semente de
lágrimas, mas meus olhos
hão de ser areia e silêncio,
Meu coração há de ser o
deserto e o mar,
E meu pranto há de ser a coruja
que foi caçar
Enquanto o sol deixa meu céu.
Não chore, meu amado,
Mas mantenha-me próxima em
sua perseguição distante.
Havemos de ser os espínhos do
Éden arruinado
Não me esqueça
Sol para minha lua
Pranto para meu silêncio.

LIVRO DA CORUJA: NOTAS FINAIS

1: Aparentemente Lilith abandonou suas criações no Éden.

2: “Profano” vem de “diante do templo”, e indica uma provocação contra o exaltado – uma marca dos seguidores de Lilith nos dias de hoje.

3: Isto pode ser uma referência aos poderes originais de Auspícios, Dominação, Metamorfose/Vicissitude, Potência/Fortitude, Rapidez, Ofuscação e Tenebrosidade – poderes mais tarde oferecidos por Lilith em mágicas maiores.

4: O simbolismo do oceano como uma iniciação feminina é óbvia. Em quase todas as culturas, a água é considerada um elemento feminino, e suas profundezas sugerem tanto a mente subconsciente quanto a fecundidade eterna do ventre da mulher.

5: Incluí esta tradução de Jeová como uma concordância a M. deLaurent. A versão escrita diz simplesmente “Deus”, enquanto que a sacerdotisa diz “Divino”. Ainda que haja um certo impacto poético em “Vomitare as crias do Divino”, optei por conectar minha tradução à existente no *Livro de Nod*.

6: Uma insana omissão: não importa onde procurasse, não consegui encontrar nenhuma referência ao “outro” que tinha reclamado o domínio do mar. Baseada no Fragmento do Gênesis, posso considerar que se trata de um dos outros ELOHIM; seu nome, contudo, nunca é dado, nem este governante é referido novamente.

Poderíamos considerar a possibilidade deste “outro” como a consorte original de Jeová, e possivelmente a “Velha” de deLaurent; entretanto, a relativa fraqueza da Velha comparada a Caim refuta esta última interpretação. Poderia ser que houvesse outra deidade atemporal habitando os mares atualmente?

Incidentalmente, os Jardins dos ELOHIM referidos no Fragmento estão quase completamente ausentes na versão da própria Lilith. Existiriam? Se for o caso, por que Lilith não os considera dignos de nota? Suspeito que meus vislumbres deste mito milenar estejam faltando, ou que o mito em si tenha sido condensado a partir de sua forma original. Se for assim, eu gostaria de saber o que aconteceu após as sessões que se perderam. Pergunto-me se ainda existiriam.

7: Acredito que isto se refira à Disciplina Auspícios. Como na referência “esquecer de respirar”, sugere os poderes mágicos crescentes de Lilith.

8: Esta sessão mostra o equivalente mais direto do assim chamado “Ciclo de Lilith”, embora a perspectiva seja, é claro, diferente. A versão descrita por M.

deLaurent é sem dúvida criação de algum erudito Cainita – dificilmente o produto da “visita oficial de Lilith” que descreve.

9: Uma intrigante coleção de imagens. Seria Caim uma criança maltratada?

10: Aqui optei por empregar o nome “próprio” de Deus por razões poéticas e para concordar com a tradução. Vale notar que neste momento a “morte” como tal ainda não existia entre os seres superiores. Caim, tendo assassinado seu irmão, é o portador de um poder desconhecido para muitos ELOHIM, e é o precursor tanto da mortalidade quanto da imortalidade.

11: Acredito que isto se refira a uma escuridão do espírito mais do que à noite física. Afinal, o testamento relata como Lúcifer “carregou o sol”. Esta referência à escuridão coincide com o “evangelho” do próprio Caim, embora este último infira que ele encontrou Lilith à noite, não de dia, como ela sugere.

12: Uma contradição direta com a versão de deLaurent; no *Livro de Nod*, Lilith oferece vestimentas a um Caim desnudo. Aqui, isso é o contrário. Simbolicamente, acho esta versão muito mais apropriada.

13: Abel, supostamente.

14: Treinamento básico vampírico, de fato. O orgulho de Caim aumenta com o poder de suas Disciplinas, sob os carinhosos ensinamentos de Lilith.

15: Uma morada fora do jardim propriamente dito. Sem dúvida, Lilith não queria tomar parte entre os três anjos de Jeová, embora suponha que isto seja menos por medo do que por desejo de deixar Caim determinar seu próprio destino.

16: Novamente, uso os nomes de M. deLaurent para as três Hostes.

17: “... e todos os seus filhos vieram...”: um arauto da Jyhad?

18: O número sagrado de Lilith, sete, reflete a mãe e sua progênie. Seu símbolo representa Lilith ao centro, Lúcifer no anel intermediário e seus seis filhos ao longo das margens. A mudança do passado para o presente reflete a importância que esses filhos têm para Lilith; mesmo após sua morte, eles nunca estão realmente mortos para ela. A planta de hissopo representa purgação, pureza e inocência recobrada. A romã é um símbolo ancestral do sol, da fertilidade e do potencial. Lilith realmente teve seis filhos de uma vez, ou eles foram concebidos e dados à luz separadamente? Isso é realmente importante? Podemos assumir, entretanto, que drogas para aumentar a fertilidade não tiveram papel algum em sua concepção.

19: Os nomes tradicionais dos filhos correspondem às designações hebraicas posteriores. Os meninos são “Prata” (o metal da lua), “Silêncio” (um atributo da noite) e “Águia”. As meninas traduzem-se como “Águia”, “Corvo” e “Noite”.

20: Uma referência pouco nítida. Porém, de outros testemunhos de Lilith, podemos assumir que Lúcifer estava realizando seu papel como Portador da Luz quando Caim e seus descendentes atacaram o jardim.

21: Uma frase incerta; provavelmente um lamento.

22: Geralmente recitado separadamente de *O Jardim da Meia Noite*, esta maldição é recitada por um grupo inteiro Bahari. Em três cerimônias distintas, vi imagens dos Membros queimados, humanos cativos despedaçados e esculturas de barro dos profanadores varridos por tempestades repentinas.

O registro Bahari apresenta uma grande contradição: de acordo com *O Livro de Nod*, os filhos originais de Caim eram em número de três: Enosh, Zillah e Irad. Os grandes clãs, aqui mencionados, vieram a existir séculos depois, após a Primeira Cidade e o Grande Dilúvio. Ainda assim, tanto *O Jardim da Meia Noite* como o *Rito de Caim* falam de 13 profanadores, liderados por um Caim vingativo.

Tenho três teorias: a primeira toma a história como verdadeira e reflete uma confusão em qualquer uma das crônicas. A segunda postula uma grande guerra entre vampiros e magos xamanistas, ocorrendo após a fundação da Primeira Cidade e terminando com a destruição dos magos. A terceira toma toda a história em um nível simbólico e descreve a destruição de uma sociedade matriarcal por uma sociedade patriarcal conduzida por Membros. De qualquer forma, o resultado é o mesmo: um bando numeroso queima, viola e mata em seu caminho até um assentamento pastoril, despertando a ira da Mãe Sombria e destruindo seus seres amados.

23: Os nomes dos clãs dos Membros (mas não de seus fundadores, que supostamente cometeram os crimes) aparecem tanto nas fontes gregas como Ba'hara.

24: Um contraste interessante à imagem habitual deste “beatífico” clã!

25: Nenhum Membro pode evitar perguntar a que isso se refere...

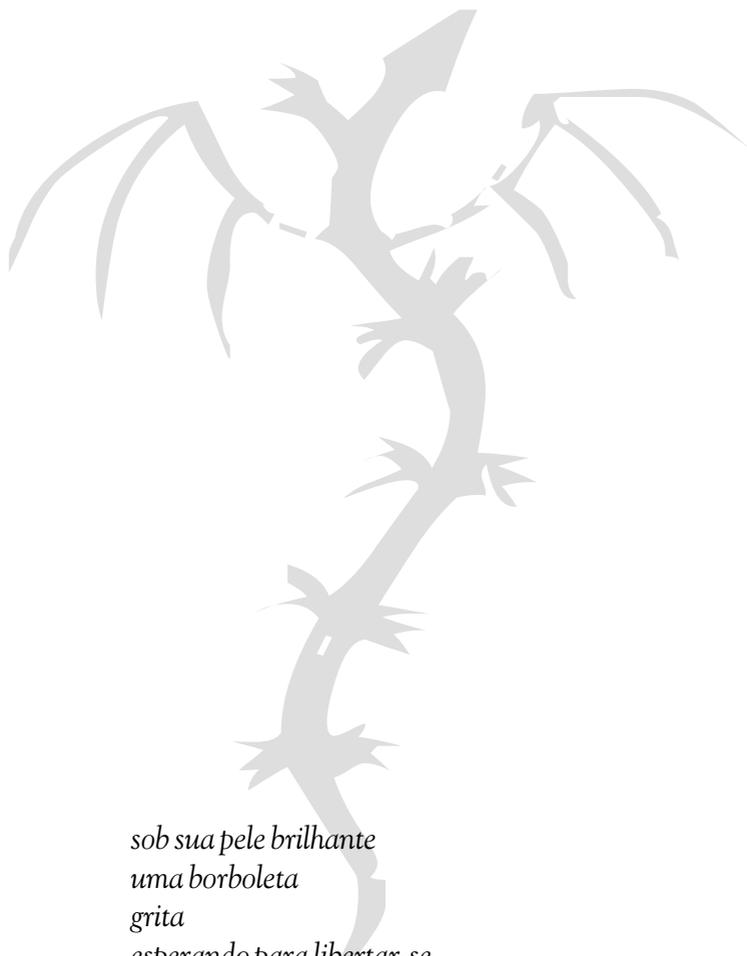
26: Provavelmente uma referência a Enoch.





A Idade de Ferro, de uma pintura em parede em Calcutá, 1894.

TERCEIRO CÍRCULO: O LIVRO DO DRAGÃO



*sob sua pele brilhante
uma borboleta
grita
esperando para libertar-se*
— Patricia de La Forge, “Tick Tick”

MALDIÇÃO: RAINHA DOS INFERNOS

NOTAS DA EDITORA

Como em O Jardim da Meia Noite a seguinte invocação supostamente seja as palavras da própria Lilith. Embora os dois contos sejam distintos, existe um sentido definido de conexão entre eles. Podemos ver a seguinte quebra como a continuação de O Jardim da Meia Noite; privada de seus filhos e amante, Lilith promete vingança eterna, e invoca os “espíritos uivantes” da fúria e da tentação ao seu lado. Descendo com eles, ela invoca três versões de si (ou seis, dependendo de como deseja ler) e transforma sua tristeza em furiosa tempestade.

Mesmo assim, existem divergências. Ainda que tenha visto cada invocação realizada como parte dos ritos Bahari (durante os quais espíritos demoníacos e furiosas tempestades foram realmente invocadas), os dois são mencionados em diferentes ocasiões – o Jardim como um rito de verão, o Maldição como um rito de inverno. Através de intermináveis permutações, performances e traduções, as duas peças foram tomadas num caráter e ritmo semelhantes; ainda assim o Jardim da Meia Noite conta, até onde sei, apenas com uma versão oral; o Rainha dos Infernos foi transcrito por um sábio sumério por volta de 4.000 a.C. Obrigada meu velho (veja “Notas”), eu vi uma transcrição dessa peça, e construí o seguinte Maldição como uma ponte entre ambos relatos.

Embora o Rainha dos Infernos seja obviamente um tanto mais moderno do que sua inspiração pré-histórica (carregado com anacronismos como prensa de vinho e cinto de castidade), ele dá aos Bahari a voz da fúria de sua Mãe Sombria e forja um laço entre a desejosa e voluntariosa Lilith dos contos anteriores e a Mãe Sombria tão temida pelos Membros e pelo rebanho.

Vinde, descei, vós espíritos das conchas,

Vós amigos da luz decadente!

Vinde e abraçai o dom de Caím,

Eu clamo por morte

Eu desejo a morte

Vinde, descei, fragmentos de tristeza,

Vós estarrapados e imperfeitos mestres
antevos

Vinde e abraçai o lamento de Lilith,

Eu clamo por morte

Eu desejo a morte.

Pois meu coração foi atormentado

E meu amor foi atormentado

Despojo-me do meu manto de noite

E atiro-me ao mar

Onde nenhuma luz pode me confortar

E nenhuma palavra pode me socorrer

E nenhuma mentira pode me curvar

E habitarei a mão esquerda da morte

Pois sou a mãe cujos filhos foram assassinados

E sou a amante cujo coração foi atormentado

E sou a irmã cujo corpo foi vendido

Meu coração e meu jardim são cinzas agora

Deixai que meu pranto os carregue para
longe.²

Vinde, erguei, vós espíritos da fome,

Vós amigos de chamas escavados!

Vinde e abraçai o inverno do amor

Eu clamo por morte

Eu desejo a morte



Vinde arrastar meu manto sobre a lua cheia
E deixai que todos os ventres sejam estéreis esta noite
Um novo jardim surgirá sobre a terra
Ba'hara, o Jardim das Lamentações.
Vinde, erguei, vós sementes do desespero,
Vós caídos deixados às pedras para apodrecerem.
Vinde e abraçai o lamento da coruja.³
Eu clamo por raiva
Eu desejo a raiva
Pois sou a tempestade com dez mil gritos
Pois sou a tempestade com dez mil lágrimas
Pois sou a fruta que secou no hálito quente do ódio
Até ela caía da vinha e torne-se pó
Vinde, erguei, vós espíritos da terra
Vós famintas aranhas com dedos de sombra!
Levai-me para as cavernas do renascimento
Onde dançaremos até as marés subírem.
Pois tornei-me a prensa das lamentações
Pois tornei-me a ladra das sementes
Pois tornei-me a quebradora de lâminas
E o torno sobre os frutos do homem.⁴
Ó Ancestral,
Cujos olhos declaram o dia⁵
Vide meu desafio, vide-me sujar tua terra
De meus pés enquanto afasto-me de tua luz.
Sou a coruja com lamentos mortais
Tornar-me-ei o gato com olhos famintos
Sempre fui o Dragão⁶
E as frutas em minhas garras serão as gerações dos homens.
Vinde, erguei, vós espíritos da tempestade e luxúria

Vós uivando vozes de noites passadas!
Levai-me por ar e marés
Onde poderemos elevar os bancos a um dilúvio
Pois sou a donzela cujos frutos foram destruídos
Pois sou a mãe cujos jardins foram salgados
Pois sou a bruxa cujos lábios têm gosto de sangue⁷
Deixai que estas três faces me recebam enquanto desço
Pelo mar desconhecido
Deixai que teu alento queime o amor
Que fez morada em minhas lágrimas.
Deixai que nossas sementes cresçam em sebes
Com espinhos envenenados e doces flores.
Vinde cear comigo agora
E surjas de tuas conchas.⁸
Deixai que formas prazerosas nos guiem
Até as cabeças e corações dos malditos.
Lá levantemos tempestades
Para lavar a areia⁹
E deixar as conchas nuas.
Vinde, descei, vós filhos de Caím,
Vós ceifeiros do despertar eterno¹⁰
Vinde e abraçai o lamento de Lilith,
Ignorai o chamado de teu Pai
E alimentai-vos dos corações uns dos outros
Vinde vós todos serpentes do ódio
Nuvens da decepção e
Marés do silêncio eterno.
Eu clamo por morte
Eu desejo a morte
Eu clamo por morte
Que assim seja!



LAMIA: NOTAS DA INQUISIÇÃO

NOTAS DA EDITORA

O trecho a seguir foi retirado de um mísero escriba anônimo a serviço da Igreja inglesa. Os caçadores locais aparentemente pegaram uma Lamia Ba'ham. Embora ignorantes da natureza de sua prisioneira, esses senhores aprenderam rapidamente (através de três guardas desmembrados) que essa "Bruxa" em particular deveria ser contida em poderosas correntes. Uma vez feito isso, três padres, um torturador, vários guardas e nosso escriba começaram tentando interrogar a poderosa convidada.

[Após muito esforço, a Acusada está presa à Mesa e está sujeita às mais leves e simples torturas. Durante estas, cantava como uma criança no colo de sua mãe. Ao final, ela fala em palavras mais apropriadas para esta Crônica.]

Padre: Quem és tu, serva dos Poderes das Trevas? E tu agora renuncias e tomas refúgio no Senhor teu Deus?

Acusada: Eu sou o Gato, filha da Coruja, e pratico aquilo que temes, e rio de ti e cuspo em ti, e em teu Deus também. Não me arrependo de nada.

[Aqui ferros são aplicados em diversas partes do corpo da Acusada. Muitos gritos e risos se seguiram. Este escriba confessa um profundo e insuportável medo ao som de tais celebrações.]

Padre: Renuncias aos Poderes das Trevas? E nomearás tuas companhias? Prometo-te dores se não responderes.

Acusada: Mais fogo. Mais ferros. Ó carcereiro, imploro-te dez mil mais. Cada tormento traz-me mil revelações, e as beberei como grandes tragos de vinho.



Maís torturas são aplicadas, com a Acusada sendo dada a muitos gritos e torções de modos os maís Lascivos; dois dos Santos Padres abandonaram a sala antes que tudo estivesse terminado e a Bruxa voltou a falar, com litânicas profanas, das quais me recuso a colocar nesta Crônica. Após atos tais como estes ela falou de modo maís agradável aos ouvidos do Senhor, seja como uma mera louca.]

Acusada: As preces continuam, bons senhores. Meu gosto por sonhos está terminado.

Padre: Onde nasceste? Em que província? Quem é teu pai e tua mãe, eles compartilham das tuas Artes?

Acusada: O que me perguntas? Meu parentesco? Sou filha da coruja e amada pelo Dragão. Meu pai é o Leão Negro e o portador do sol¹¹. Meus irmãos são as rosas que florescem à meia noite; minhas irmãs são as lágrimas que caem nos lençóis das virgens perdidas. Não sou como tu. Se duvidas, atormenta-me de novo, para que eu possa me exaltar.

[Aqui ferros são colocados em suas partes baixas e olhos e nas regiões macias atrás de joelhos e cotovelos. A Acusada gritou novamente e falou em línguas bárbaras e desconhecidas por este Cronista; ainda assim devo tentar preservá-las para o futuro de nossa Grande Pesquisa.]

Ai - ai - ai. Ai hamma gee tabool eer hamma quata mas. Hattabas. Akhool. Hattabas. Yin soquaa ahni anaka. Bahari latwaa / Bahari latwaa; Sin solo extro vina contolo mas. Lakhil - alhil - kataab - lilihu ah mas. Ahí hay Lilitu - Ahí hay Lilitu.¹²

[Esta última a Acusada repetia como se fosse uma oração blasfema. Ao ouvir isso repetidamente, os carcereiros e eu mesmo sentimos um mal estar peculiar; uma fraqueza da cabeça e baço e estômago. Após vomitar bile negra, pedimos ao Torturador que queimasse a língua da Bruxa, para que ela não pudesse mais nos amaldiçoar. Assim o fez; e então um cuspe negro e víl caiu sobre o braço do Torturador. Ele gritou como uma mulher presa à roda, e sua carne caiu podre como a de um leproso. Nós o trouxemos para fora deste lugar e o selamos com todas as preces e bênçãos de um verdadeiro homem de Deus. Assim termina esta Crônica.¹³]

CORUJA, GATO E SERPENTE

NOTAS DA EDITORA

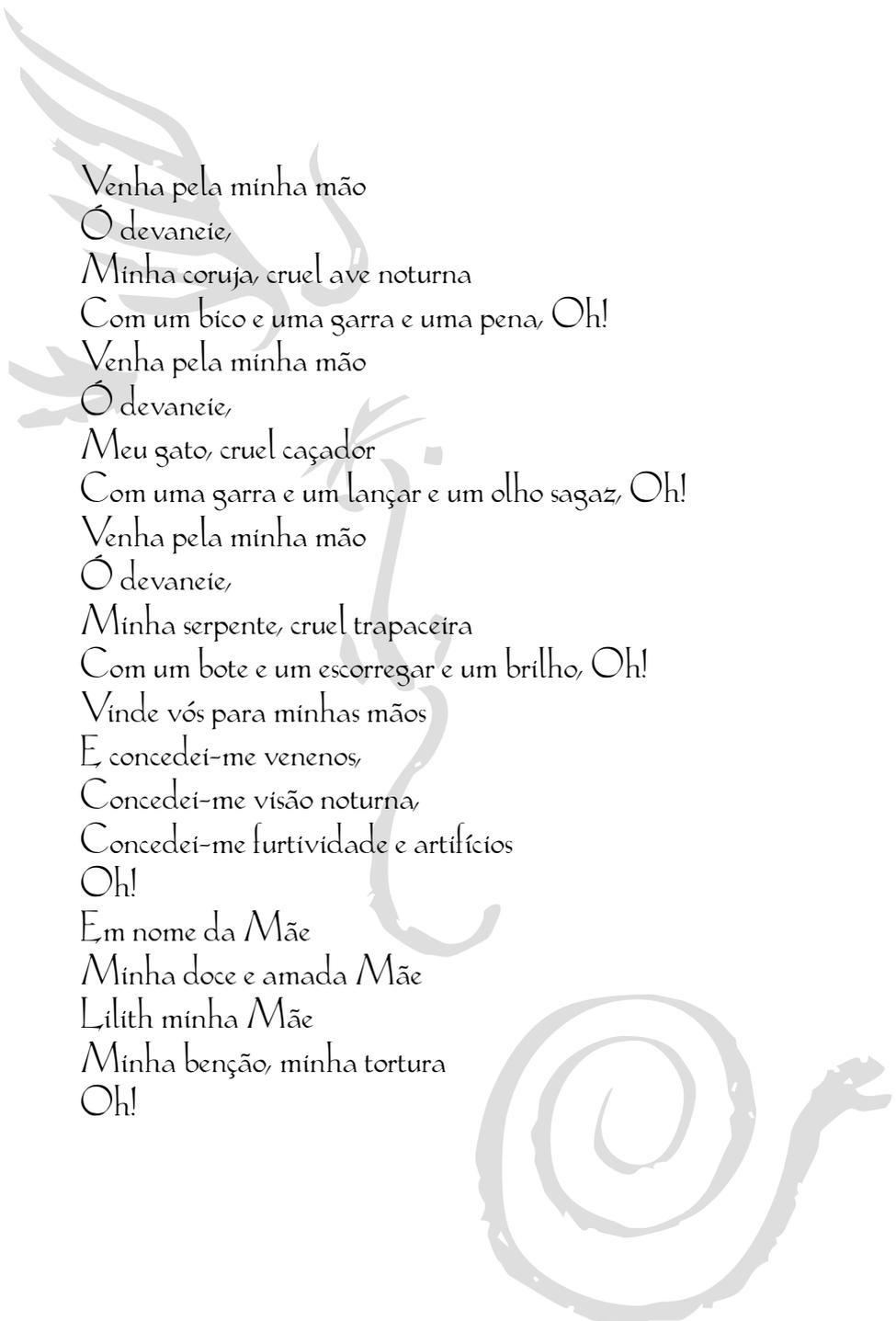
Ainda que vários animais sejam considerados sagrados para a Mãe Sombria, a coruja, o gato e a serpente são geralmente considerados como suas bestas “símbolo”.

Um conto medieval (muito longo e sem nexos para ser recontado aqui) conta como Lilith e Adão (antes de sua épica separação) brincavam de criar no Jardim do Éden. Adão, sendo o Moldador, transformava barro em muros, árvores em lanças e gravetos em jaulas. Lilith, sendo a Fértil, criava coisas vivas com seu sangue, urina e alento. As três primeiras coisas que ela criou foram a coruja (que voou sobre o muro de Adão), o gato (que capturou o veado que escapou das lanças de Adão) e a serpente (que deslizou pelas barras da jaula de Adão). A combinação de inveja e medo que Adão sentia por estas criações provavelmente anteciparam a briga conjugal que separou-os para sempre.

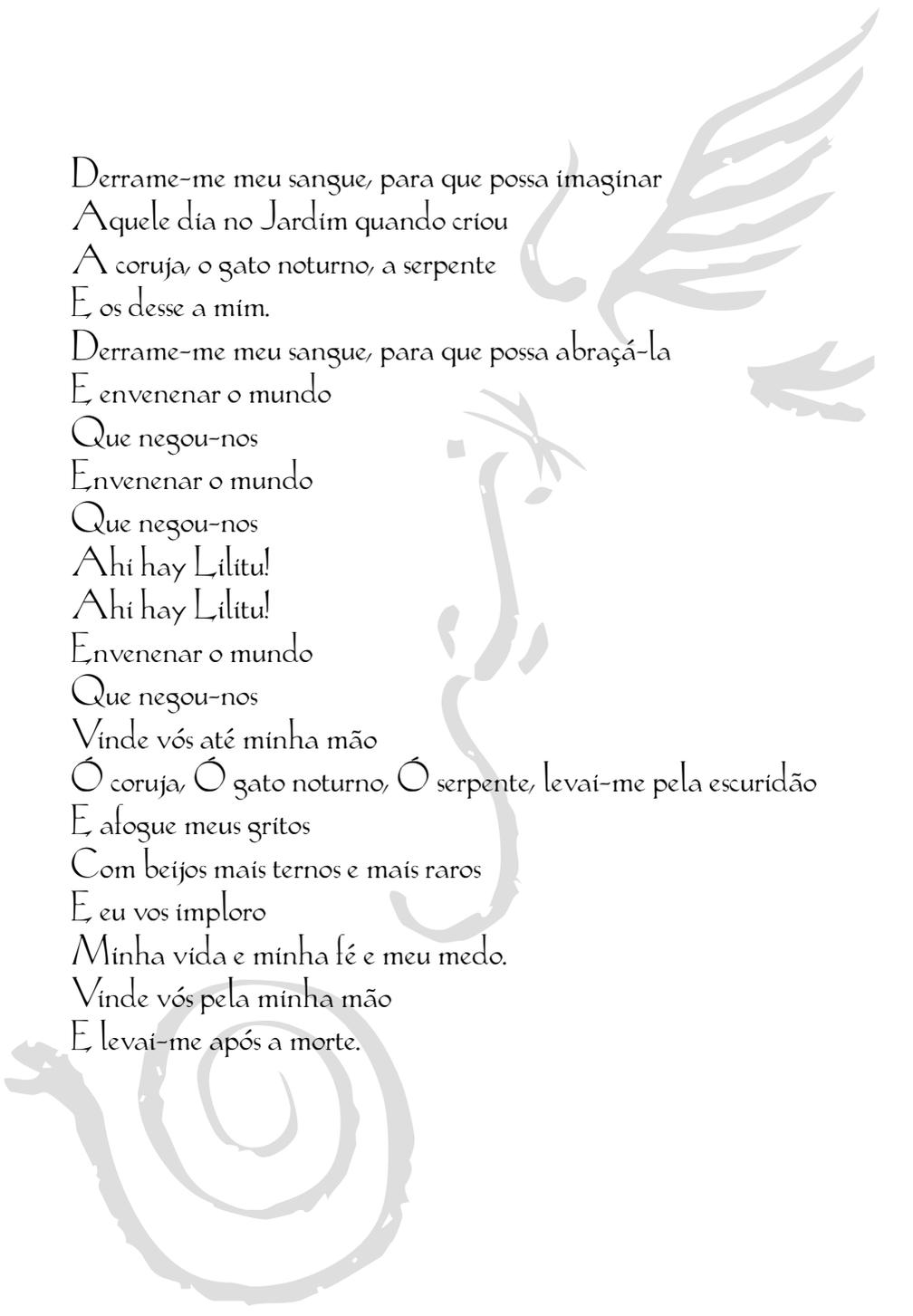
Quando Lilith deixou o Jardim, diz-se que Adão violou cada besta do Jardim, exceto a coruja, o gato e a serpente; estes o perseguiram pela noite até ele clamar por socorro a seu deus. Quando Jeová amaldiçoou Lilith, a maldição também caiu sobre seus animais. Pela cultura rabínica, eles seguiram Lilith e Lúcifer até o segundo jardim e espalharam-se por lá. Quando aquele casal jurou sua vingança contra a humanidade e Caim, os companheiros de Lilith foram os primeiros agentes de sua vontade.

Esta canção inglesa, outra composição medieval, foi cantada por uma moça em tolas roupas. Ela diz ser uma “recreacionista” (uma apelação que só posso descrever como absurda) cujas paixões ardiem por uma terra do nunca idealizada baseada em escritos surreais de autores de fantasia. Mesmo assim, ela tinha uma grande aptidão para pesquisas – a canção é aparentemente autêntica, e tem mais de 600 anos. Ofereço-a como um exemplo da influência da Mãe Sombria sobre o mundo mortal.

No espírito de suas canções e de seus interesses por coisas medievais, dei à minha musa uma amostra das leis antigas: uma viagem no Rio James, amarrada num saco com uma coruja, um gato e uma serpente. De acordo com os jornais, ela sobreviveu. Espero que tenha aprendido algo.



Venha pela minha mão
Ó devaneie,
Minha coruja, cruel ave noturna
Com um bico e uma garra e uma pena, Oh!
Venha pela minha mão
Ó devaneie,
Meu gato, cruel caçador
Com uma garra e um lançar e um olho sagaz, Oh!
Venha pela minha mão
Ó devaneie,
Minha serpente, cruel trapaceira
Com um bote e um escorregar e um brilho, Oh!
Vinde vós para minhas mãos
E concedei-me venenos,
Concedei-me visão noturna,
Concedei-me furtividade e artifícios
Oh!
Em nome da Mãe
Minha doce e amada Mãe
Lilith minha Mãe
Minha benção, minha tortura
Oh!



Derrame-me meu sangue, para que possa imaginar
Aquele dia no Jardim quando criou
A coruja, o gato noturno, a serpente
E os desse a mim.
Derrame-me meu sangue, para que possa abraçá-la
E envenenar o mundo
Que negou-nos
Envenenar o mundo
Que negou-nos
Ahi hay Lilitu!
Ahi hay Lilitu!
Envenenar o mundo
Que negou-nos
Vinde vós até minha mão
Ó coruja, Ó gato noturno, Ó serpente, levai-me pela escuridão
E afogue meus gritos
Com beijos mais ternos e mais raros
E eu vos imploro
Minha vida e minha fé e meu medo.
Vinde vós pela minha mão
E levai-me após a morte.

AS MARÉS CRESCENTES

NOTAS DA EDITORA

Ouvi pela primeira vez essa perturbadora profecia como parte da música industrial “Time for Breakfast”, de Shaken Baby Syndrome. Ela prendeu minha atenção das primeiras linhas até o final. Nenhum mortal, pensei, poderia saber tanto sobre coisas tão obscuras. Como sabemos, nossa grandiosa Máscara é muito eficiente para permitir que tal informação vaze para o público em geral. Enquanto ouvia, não pude evitar ficar perturbada. Quando a canção acabou, procurei o disc jockey que a havia tocado.

A voz friamente desapaixonada entoando as palavras seria Patricia de la Forge. Quando perguntei sobre a fonte da profecia, ela admitiu ser muito mais antiga que ela. Com ajuda do velho, encontrei uma versão em latim de As Marés Crescentes que precede a conquista da Bretanha. Assim começou minha busca pelas origens e natureza do culto moderno a Lilith.

É adequado que eu termine este Ciclo com as palavras que começaram minha jornada. Como qualquer um com o mínimo juízo sabe, muitos dos prodígios esboçados abaixo se realizaram nos últimos anos. Até mesmo os mortais sabem que os sinais de um fim vindouro têm mais a ver com antigas proclamações do que com calendários tolos e números preocupantes. Ainda que as palavras de Caim proclamem um fim pelo fogo, a visão de Lilith assegura que o fogo será extinto pela água. Talvez o choque dos dois transforme esta terra condenada em uma pilha de outros “mundos de conchas”. Quando os olhos do Ancestral fecharem-se novamente, o esquecimento ser fará sentir e tudo será silêncio. Talvez, após um tempo, outra terra nasça e o ciclo inteiro recomece novamente.

Eu estou feliz por ter a oportunidade de descansar. Creio que a noite vindoura será bastante desagradável.

Durmam bem, Ó Filhos de Caim. Algumas velhas dívidas estão sobre a mesa, e seus créditos expiraram.

O tempo passa, certamente.



AS MARÉS CRESCENTES

Tremei, Ó Filhos de Caim

Tremei, Ó Filhos de Seth

A Mãe está vindo

A Mãe está aqui.

Com suas lições de loucura

E as mãos cheias de sangue

Ela vem para renovar o mundo

E sua carruagem é a dor e o horror.

O cristal está quebrado, os demônios estão livres.

O cristal está quebrado, os demônios estão livres.

As águas subirão.

As águas subirão.

Chorem, Ó filhos dos imortais

Pois suas não vidas serão como as conchas quebradas

Pelo brilho de cada novo mundo.

Tudo isso passará.

Chorem, Ó fariseus e sacerdotes,

Pois seu deus é uma mentira e as promessas dele são sacos vazios.

Tudo isso passará.

Chorem, Ó larvas dos grãos

Retorcendo-se na cesta de pão,

Pois seus ventres estão se partindo com o banquete

E a tempestade de moscas se aproxima.

Tudo isso passará.

Chorem, Ó pesadelos tenebrosos,

Pois os deuses dançantes de anteparos oscilante os conduzirão ao esquecimento.

A Mãe está vindo

A Mãe está aqui.
Tudo isso passará.
O cristal está quebrado, os demônios estão livres.
O cristal está quebrado, os demônios estão livres.
As águas subirão.
As águas subirão.
Veja o colosso de aço montado no mundo
Olhem os vermes aos seus pés.
Enquanto o gigante vacila, os vermes regozijam,
Pois haverá comida em abundância quando o gigante cair.
Veja a câmara quebrada há 500 anos
E o cristal estilhaçado sobre o chão.
Veja as pedras chorando e os dragões livres.
Lilith está aqui.
Lilith está livre.
Ouça os uivos na noite
Enquanto os lobos de Adão
Lançam-se nas espirais do Dragão.
Sinta o cheiro do sangue do irmão no início do tempo
Agora morno e fino como água.
Na água a luz morrerá!
Na água o fogo morrerá!
Do Leste, do Mar a vingança virá



E daqueles cujo sangue é Água!
As cidades do Oeste arderão com fúria,
E uma grande roda do Leste,
Das terras amorfas,
As destruirá!

Na última noite
Quando a lua for um pedaço de
escuridão
Virá o último abraço!
Brilha negro o sol!
Brilha negra a lua!
As águas subirão!
Ahi hay Lilitu!

O LIVRO DO DRAGÃO

NOTAS FINAIS

1: Isto parece referir-se ao “mundo de conchas” descrito na cultura cabalística – uma estanha correspondência, dadas as diferenças entra a cosmologia suméria e hebraica. (Ver o *Fragmento do Gênesis*).

2: Note a repetição do três, um tema que completa esta invocação. Em muitas filosofias místicas, o três é o número fortalecedor, o número da unidade. Ele também corresponde à água, o elemento mais associado a Lilith e à mulher em geral.

3: Em muitos textos antigos, Lilith é referida como a coruja. Ver *Coruja, Gato e Serpente*, a seguir.

4: Como ouvi isto executado, o verso era “...e a lâmina nos lombos do homem.” Uma versão suméria, entretanto, oferece uma dupla metáfora – a fabulosa *vagina dentata*, e a armadilha da castração utilizada pelos antigos para castrar o gado, escravos e criminosos.

5: Uma referência a Jeová? Ou ao “Ancestral” mencionado no *Fragmento do Gênesis*?

6: Na versão suméria, o pictograma Ba'hara para Grande Serpente é claramente visível. Uso a tradução “Dragão” para enfatizar a diferença entre uma mera cobra e a encarnação de Lilith.

7: Podemos tomar esta misteriosa referência de três modos: como uma lembrança dos banquetes de Lilith com seu próprio sangue no deserto; como uma referência ao vampirismo; ou como um plano para tomar o sangue de Caim. Lembra-se da Velha no ciclo de *Nod* de deLaurent? Poderia ter sido Lilith em outro disfarce, escravizando Caim enquanto fingia ser mais fraca do que ele? A ideia não é inconcebível.

8: A versão moderna usa “infernos”, mas o cuneiforme sumério sugere “mundos arruinados” ao invés de infernos no sentido tradicional. Afinal, àquela época, haviam pouquíssimos seres superiores mortos. Seria necessário um inferno? Ou são os últimos mundos inferiores os fragmentos de velhos mundos esquecidos por este mundo? Sinto que a última teoria é a mais adequada.

9: Tipicamente considerada como um símbolo de infinidade, a areia também representa os aspectos instáveis da terra (a fundação e o ventre) que podem ser barrados, ou que abrem caminho sob grande peso ou força, assim como os castelos de areia derrubados pelas ondas.

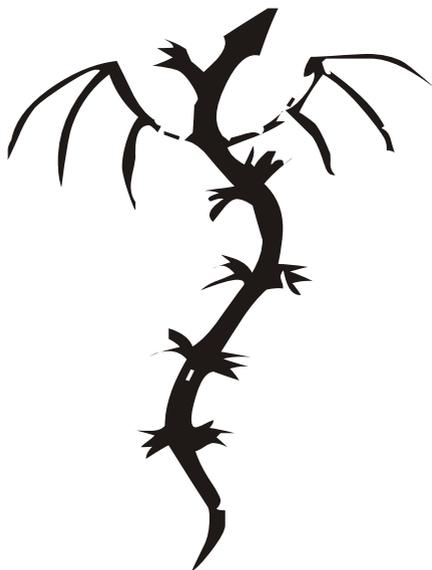
10: Interpreto isso como um chamado a futuros vampiros que escolherão Lilith em detrimento de Caim, mas também pode ser interpretado como uma invocação à “mancha negra do assassinato” que convenceu Lilith a ajudar Caim (ver *O Jardim da Meia Noite*). A Mãe Sombria pode estar invocando não apenas os filhos do Amaldiçoado, mas seu talento para matar também.

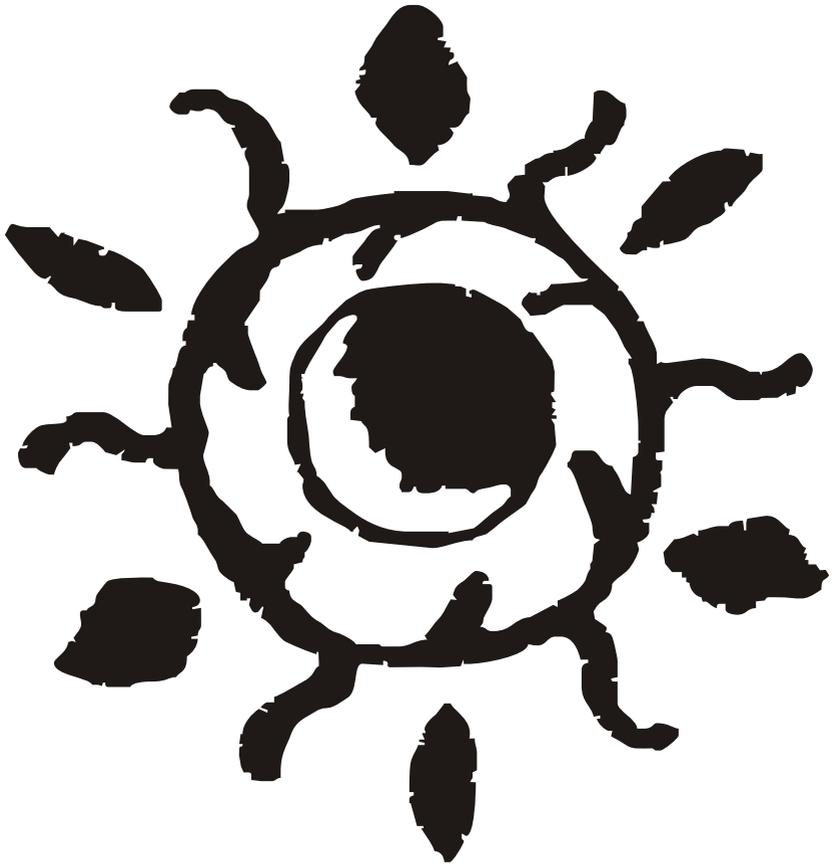
11: Uma imagem incerta. Os leões eram tipicamente associados à realeza e ocasionalmente a Jesus Cristo; por sua ferocidade e natureza indomável, contudo, eles também eram considerados bestas de ira e encarnações dos desejos de Satã. Este – combinado com a marca do “portador do sol” – fala de Lamia como filha de Lilith e Lúcifer, não de Adão.

12: Traduzido literalmente. Note a repetição de várias frases do *Rito de Caim* no Livro II.

13: De acordo com as notas posteriores na crônica, a cela onde este pequeno e civilizado intercâmbio tomou lugar foi lacrado. A vítima, ainda acorrentada, foi deixada na mesa de tortura. O homem tão habilidoso com seus ferros perdeu aquela habilidade; ele também perdeu seu braço direito do ombro para baixo. O cronista afirma que os gritos e gemidos da “acusada” continuaram por três meses, e podiam ser claramente ouvidos através das espessas paredes. Eventualmente, a masmorra foi abandonada; os torturadores não conseguiram descer as escadas. Os ocupantes restantes foram trancados com a “Bruxa-Espectro”; tão furiosos estavam seus fantasmas que o castelo foi abandonado e queimado em 1473.

Podemos presumir que, de uma vez por todas, uma vítima torturada se vingou de seus torturadores – mesmo que por um breve período.





Até mesmo os filhos de Caim a temem: Lilith, Rainha dos condenados. Ela é a Rainha Sombria que irá surgir e anunciar o fim do mundo. Explore a até então ignorada lenda de Lilith, e aprenda os cultos secretos de Lilith que têm existido através dos tempos. Descubra uma nova versão vampírica do mito da criação e advinhe o que a noite ainda pode oferecer.



VAMPIRO®
A MÁSCARA

